

ROTEIRO DE BOM JARDIM

NOTAS DE
MÁRIO SOUTO MAIOR
e
MOACIR SOUTO MAIOR

1954

*A Papai e Mamãezinha, a nossa
gratidão e a nossa saudade.*

Bom Jardim, torrão querido
Solo santo, hospitaleiro
As almas do mundo inteiro
Tem no seu colo dormido
O campo é verde e florido
De uma fertilidade sem fim
Viscejam o lírio e o jasmim
Da fonte a água é o suco
No agreste de Pernambuco
O oásis é Bom Jardim...

(de Severino Jorge Araújo, poeta popular bonjardinense)

Deve ficar bem claro que o objetivo destas páginas se limita, modestamente, à reconstituição de fatos, figuras e informações de interesse geral sobre o nosso Bom Jardim. Baseia-se, essa reconstituição, não só na documentação impressa existente (livros de viajantes estrangeiros, biografia de filhos ilustres da terra e publicações oficiais) como também na tradição oral que conserva muita coisa interessante sobre o passado bonjardinense. E uma publicação com o objetivo desta nossa já estava se fazendo necessária, levando-se em conta que as coleções dos pesquisadores locais já estavam se dispersando e, se fôssemos retardar a realização deste "ROTEIRO", iríamos, posteriormente, encontrar uma série de dificuldades que talvez não pudessem mais ser superadas.

Com esse objetivo nasceu a idéia deste trabalho que se fundamenta em dados colhidos na Biblioteca Pública do Recife e também nos arquivos dos que se dedicam à tarefa de colecionar e organizar tudo que se refere à nossa terra. Finalmente, organizado o "ROTEIRO", ei-lo para falar um pouco da nossa velha cidade, recordando as suas festas principais, os conterrâneos ilustres, as tradições populares e alguns dados sobre a vida política, econômica e religiosa do município.

Muitos conterrâneos poderão, também, se encontrar como personagens na vida miúda do passado e nos acontecimentos que agitam e emocionaram nossa cidadezinha. Toda essa parte pitoresca que lembra os pastoris, os "cocos" e as antigas diversões, pode também ser encontrada junto às informações sobre a emancipação do município. Desejavamos abordar tudo que pudesse caracterizar o tempo em que o curato de Santana vivia às escuras e seus vereadores enviavam memorial às autoridades federais para que a estrada de ferro não cruzasse o município.

Outra coisa que deve ficar bem clara é que somente com a nossa contribuição este "ROTEIRO" não poderia ser realizado. Manda-nos a honestidade indicar que, antes de tudo, esse trabalho

é quase um trabalho coletivo cabendo-nos, somente a tarefa de organizar os dados e de coordená-los. Sem o auxílio dos jornalistas bonjardinenses Américo de Souza Sedycias e José Aureliano da Cunha Sobrinho não teríamos podido levar adiante tal empreendimento. Seu conhecimento do passado e seu amor às coisas da terra nos obrigaram a bater em sua porta toda vez que surgia um ponto controvertido e não foram poucas as sugestões originadas nessas palestras. Tivemos também muitos outros colaboradores, entre os quais podemos destacar: Valdemar Souto Maior, com sua coleção de jornais bonjardinenses e Manuel Gonçalves Guerra, sempre interessado e entusiasmado com tudo que se refere ao nosso velho burgo.

Resta-nos, agora, indicar os defeitos do nosso trabalho. Além de faltar muita coisa indispensável e que não foi possível incluir devido à exiguidade de sua realização, existem as falhas que não pudemos evitar, muito embora a nossa intenção tenha sido a de apresentar o "ROTEIRO" da melhor forma possível. Se não conseguimos, resta-nos a satisfação de haver contribuído para que outros continuem e ampliem nosso trabalho.

Bom Jardim, Agosto/Setembro, 1953

OS VIAJANTES

No começo do século passado Bom Jardim recebeu a visita de alguns viajantes estrangeiros que, penetrando no interior da capitania, puderam entrar em contacto com o curato de Santana, fazendo interessantes observações sobre nossos costumes e sobre nossa vida econômica.

Para a reconstituição daquela época os depoimentos desses viajantes são bem esclarecedores porque procuraram dar suas impressões do Bom Jardim em seus comêços, sem outra finalidade senão a de anotar tudo que fôsse honestamente observado.

Naquele tempo Bom Jardim era o ponto de descanso dos tropeiros que conduziam o algodão da zona e o de Campina Grande para Recife a-fim-de ser beneficiado. E, graças a essa afluência, a antiga povoação pôde crescer, servindo de morada aos que viviam desse comércio. Tudo isso foi registrado por esses viajantes cuja honestidade não pode ser contestada, levando em conta que Koster e Tollenare não procuraram fantasiar suas narrativas com detalhes inverossímeis e imaginários. Vários historiadores destacam esse caráter de verossimilhança dos livros de viagens de Koster e Tollenare.

Henry Koster foi um inglês a quem o clima do nordeste foi indícado para sua tuberculose. Apesar de não se haver curado, conseguiu viver muitos anos no Brasil, tornando-se senhor-de-engenho e deixando-nos um livro — que Gilberto Freyre considera como um dos mais completos no gênero — sobre suas viagens nas terras do nordeste.

Henry Koster esteve em Bom Jardim em 1808 e, em seu livro "TRAVELS IN BRAZIL" (publicado em português sob o título "Viagem ao Nordeste do Brasil", tradução e notas de Luís da Câ-

mara Cascudo, edição da Companhia Editora Nacional, 1942) publicado em Londres em 1816, dá-nos suas impressões:

“No outro dia pela manhã, quarenta pessoas partiram para a povoação do Bom Jardim. E' distante de Pindoba légua e meia. Chegamos às sete horas. A povoação foi edificada na forma de um quadrado. As casas são baixas, mas a igreja é grande e bonita. As choupanas, parecidas com as do Assú e demais lugares, não são caiadas de branco. No Bom Jardim o barro com que foram feitas é conservado na sua côr primitiva. A povoação contém, aproximadamente, quinhentos habitantes. Subimos a uma colina íngreme e do lado oposto havia outra, de altura semelhante, que devia ser passada para que pudéssemos entrar no interior do país. A povoação está colocada na encosta dessa colina. O sólo é inteiramente composto de uma terra vermelha, tendo nalguns trechos traços escarlates onde passam veios amarelos. E' a descrição do sólo que dizem ser o melhor indicado para o plantio do algodão. Bom Jardim é o grande ponto de encontro para os mascates que vêm do sertão e de outras partes mais longínquas. Dista do Recife vinte estiradas léguas na direção NE. Meu amigo e eu fomos passear e descemos a colina, tomando uma trilha que nos levou ao leito do rio presentemente sem água. Bom Jardim sofre de extrema falta d'água, mas, julgo possível obtê-la cavando poços de profundidade suficiente. Voltando à povoação vimos que se ia dizer uma Missa e acompanhamos os amigos à igreja. Estava repleta. Uma observação que frequentemente tive ocasião de fazer é que, quando os camponeses se reúnem à porta das igrejas nos domingos e dias santos, seu número deve espantar as pessoas que viajarem a região, sem maiores oportunidades de um exame maior. As choupanas que estão à margem da estrada não prometem ter a população numerosa como temos ocasião de ver nessas festas, mas as pessoas dos bosques mesmo quando, acidentalmente, pode-se ter uma visão do conjunto subindo-se ao cimo de uma colina, as casinhas das classes pobres do povo não são percebidas, esparsas por tãda extensão do terreno e com os estreitos caminhos que parecem impraticáveis, apenas entrevistos, conduzindo a quatro ou cinco casebres, situados no meio da mata ou n'algum campo próprio para o cultivo da mandioca e do milho. Uma companhia foi passada em revista no Bom Jardim e daqui um capitão seria enviado para precedê-la noutros pontos no interior do distrito. Fomos a cavalo, depois da tarde, para a casa do capitão Anselmo, uma légua distante, que esperava por nós. Pelo caminho para êsse ponto vimos uma mata incendiada num lado da estrada”.

Tollenare era um viajante francês que nos anos de 1816, 1817 e 1818 visitou, entre outros pontos, a capitania de Pernambuco, tendo oportunidade de também conhecer Bom Jardim. E. dêsse contac-

to, ele nos fala em seu livro "NOTAS DOMINICAIS", traduzidas do manuscrito francês, inédito, por Alfredo de Carvalho, com prefácio de M. de Oliveira Lima, publicado no Recife em 1906:

"Bom Jardim, a 20 ou 25 léguas do Recife, é um povoado de 500 habitantes, todo construído de taipa; mas, é um ponto central para os negócios dos sertões; encontram-se ali os agentes que compram o algodão não descaroçado, e que têm máquinas para fazer esta operação; depois, é embalado e enviado ao Recife.

A cultura do algodão estende-se muito além, até a vila de Campina Grande, distante do Recife 130 léguas, conquanto as cartas indiquem apenas 70.

Tôda esta região é muito sujeita à falta d'água.

Bom Jardim mesmo padece d'este inconveniente, apesar de situado perto do Capibaribe; a Oeste de Bom Jardim e de Campina Grande há ainda algum algodão; depois fazendas de gado; depois matas, desertos, e enfim, os índios selvagens.

Pareceu-me que não seria difícil a um viajante curioso explorar estas regiões, não precisando afastar-se mais de 200 léguas do Recife para encontrar os índios, antigos dominadores do país".

PREFÁCIO

Está em minhas mãos o material para a impressão do livro «ROTEIRO DE BOM JARDIM». Veio êsse bom material acompanhado de uma carta onde havia mais que um convite honroso porque uma ordem terminante que recebi com satisfação: escrever o prefácio do «ROTEIRO». Imagine-se a emoção que nos causam as grandes coisas que fazemos pela primeira vez e tenha-se a impressão de bem estar que sinto ao dedilhar, na máquina, essas palavras que, para usar de um lugar comum, saem à guisa de prefácio, num gesto de obediência à ordem dos meus prezados amigos de Bom Jardim, Mário e Moacir Souto Maior, êsse meu ex-aluno do Ginásio de Limoeiro e aquele, cultor das leis. E ambos bons jornalistas matutos.

Aceitei a incumbência, mais como uma homenagem ao municipalismo, de que sou soldado raso, do que propriamente ao municipalista carente, de saber e experiência para um trabalho dessa natureza que vem pôr em relêvo o trabalho de soerguimento dos municípios pernambucanos que se tornam mais conhecidos e expõem, dessa maneira, seus problemas à solução dos detentores do poder dado pelo voto, pelo dinheiro ou pela inteligência.

No «ROTEIRO» a gente encontra, de permeio à boa literatura, rudimentos de história, excelente trabalho de pesquisa e interessantes sugestões visando ao desenvolvimento da terra do Barão de Lucena.

Trata-se de um livro que interessa muito aos bonjardinenses e a todos que, por êsse interior a fora, se propõem a reformadores das condições de vida precárias em que vivem afogadas, em meio a interesses personalísticos, as comunas matutas.

Todo trabalho que, como o «ROTEIRO», nesse sentido aparecer, merece ser recebido com entusiasmo sadio, exatamente como o que sinto diante dessas páginas que li sôfregamente, vendo, em cada uma delas, um chamamento à realidade municipal, desassistida embora já mar-

chando, a passos de gigante, para a sua redenção, estimando por se colocar, bem alto, no concôrto da comunidade brasileira.

Mário e Moacir, ambos municipalistas e estudiosos dos problemas de sua terra, pequena e abandonada, enfeixam, num pequeno livro, de grande conteúdo, ensinamentos preciosos que se tornam roteiros e rumos certos para o administrador bem intencionado. Aí está um livro que é um retrato do «Curato».

Seu valor irá dobrando, de ano para ano, até se tornar raridade preciosa, quando folheado pelos pósteros nos anos que virão pela frente, num futuro medido por dezenas de anos.

Antônio Vilaça

LIMOEIRO, 1954.

UMA LENDA

Uma doce atmosfera poética envolve a fundação da cidade, originando-se da propriedade de um rico fazendeiro muito religioso e devoto de Santana. Para prestar assistência religiosa a seus moradores êle contratou um capelão, que edificou sua morada no alto das ladeiras e no meio dos paudarcos localizados no atual perímetro urbano. Conta a tradição que o padre gostava de se levantar bem cedo para gozar as delícias de um clima ameno, viver uma vida em completa integração com a natureza, extasiar-se com o bucolismo da paisagem, contemplar as árvores gigantescas que formavam a mata, na qual os paudarcos se destacavam pela beleza de seu colorido.

As aves enchiam o amanhecer com seu canto matinal e os saguís pulavam nos galhos das árvores, oferecendo ao homem todo o esplendor da vida campestre. Nos dias de verão o céu se enchia de núvens que formavam animais, seres humanos e objetos, transformados, logo depois, com a mudança de tempo. Da mata, vinha a sugestão das assombrações criadas pela imaginação popular e os que trabalhavam com o padre pensavam logo em histórias de caiporas, duendes, fantasmagorias, muitas outras fantasias com o poder de amedrontar os mais corajosos.

Logo depois da fundação da capela o povoado começou a crescer, sendo habitado pelos que negociavam no sertão da Paraíba, grande centro produtor de algodão. O arruado aumentou depressa com o movimento dos tropeiros que iam buscar algodão em Campina Grande para beneficiá-lo no Recife. A população do lugarejo foi aumentando, as casas começaram a ser construídas em diversos pontos e pouco depois foi criado um curato sob a invocação de Nossa Senhora Santana. Desde então o desenvolvimento da antiga fazenda se intensificou e o padre e o proprietário das terras do curato facilitavam tudo para quem quisesse morar nos arredores da capela.

Os dias se sucediam na placidez e quietude coloniais até que em uma ocasião estando o padre-mestre a passeio no meio da mata

parou de repente a caminhada e ficou olhando a paisagem. Os pássaros enchiam a manhã com seu trinado. Um riacho acompanhava a orla da floresta e adiante se encontravam as árvores frondosas protegendo o bebedouro das aves. O cura permanecia imóvel, sentindo tôda a poesia do lugar de uma forma ainda inédita. Seus olhos se enchiam do bucolismo das éclogas de Virgílio que êle conhecera no seminário. Então, um lindo pássaro multicolor veio pousar em um paudarco, quase que se confundindo com o colorido da árvore. Nesse momento, o padre viu como o local era apropriado para um vergel e exclamou: "Que bom jardim! De hoje em diante vai se chamar curato de Bom Jardim".

Com o decorrer do tempo o antigo lugar das árvores côr de ouro foi pouco-a-pouco se expandindo em várias direções e agora a cidade em quase nada lembra o antigo curato: só as ladeiras, os altos e alguns minguados paudarcos recordam o Bom Jardim da exclamação do cura.

BOM JARDIM NO ESPAÇO

O Município do Bom Jardim limita-se: ao norte, com Orobó e Macaparana; ao sul, com João Alfredo; a leste, com Macaparana e Limoeiro, e a oeste, com Surubim.

O Município está situado na zona agreste. Sua superfície é de 305 quilômetros quadrados e sua população, segundo o Censo de 1950, é de 39.312 habitantes, dos quais 2.497 residem na sede.

Administrativamente, o município está assim dividido:

- | | | |
|---------------------------|----------|----------------------|
| 1.º distrito — Bom Jardim | — sede — | 701 casas coletadas. |
| 2.º distrito — Bizarra | — vila — | 103 casas coletadas. |
| 3.º distrito — Machados | — vila — | 345 casas coletadas. |

O Município está banhado pelos seguintes rios e riachos: o Tracunhaém, que nasce na serra do Orondongo e desemboca no Atlântico, rio que é bastante estreito, serpeando todo o Município e mais os riachos Orobó, Canguengo, o Seixo, o Nunes, o Laureano, o de Loza e outros menores.

As principais serras do município, são: serra de João Congo, Serra de João da Hora, Serra de Pedras, Serra da Paquevira, Serra do Perigo e outras menores.

O clima é temperado. Temos até 19.º no inverno e 34.º no verão.

Conta o município com os seguintes povoados: Parijós (23 casas coletadas), Tamboatá (42 casas coletadas), Lagôa Comprida (servido por estrada de ferro, com 39 casas coletadas, por onde são exportados parte dos produtos do município, entre os quais algodão, milho, feijão, mandioca, café e frutas, destacando-se o abacaxi).

A posição da sede do município é a seguinte:

Latitude : S 7° 47' 57"

Longitude : W. Gr. 35° 35' 23"

Altitude : 399 metros.

Distância de Recife em linha reta : 85 kms.

Distância de Recife por ferrovia : 113 kms.

Distância de Recife por rodovia : 104 kms.

Rumo em relação a Recife : ONO.

O município é servido pela Rêde Ferroviária do Nordeste e por estradas de rodagem que ligam às cidades de Limoeiro, João Alfredo, Orobó e Surubim, além das carroçáveis municipais ligando os distritos.

BOM JARDIM NO TEMPO

As cidades brasileiras sempre nasceram à margem de um rio, à sombra de uma igreja ou nas imediações de uma fábrica. Com referência a Bom Jardim, de acôrdo com a tradição, a cidade nasceu à sombra de uma igreja, no alto de uma colina salpicada de paudarcos.

Quando ainda era um simples arruado foi criada a freguesia por ato da Mesa de Consciência e Ordens, em 1757.

Com o aumento da população e da construção de casas o arruado foi elevado à categoria de vila pela lei provincial n.º 922, de 19 de maio de 1870, que a incorporou à comarca de Limoeiro. As solenidades da instalação da vila foram realizadas no dia 19 de julho de 1871.

Pela lei n.º 1093, de 24 de maio de 1873, e por força do decreto n.º 5001, de 17 de dezembro do mesmo ano, passou a ser comarca de primeira entrância, sendo nomeado seu primeiro juiz-de-direito o bacharel Agostinho de Carvalho Dias Lima.

Até que, em virtude da lei n.º 52, de 3 de agosto de 1892, constituiu-se município autônomo em 10 de julho de 1893, com a superfície de 2268 quilômetros quadrados, tendo como sede a cidade de Bom Jardim e como povoados Queimadas (hoje município de Orobó), Surubim (hoje município do mesmo nome) e Boa Vista (hoje município de João Alfredo).

Com o desenvolvimento do município e, em consequência do aumento da população os povoados mencionados, por preencherem os requisitos exigidos pela lei que regula a espécie, foram desmembrados de Bom Jardim, tornando-se independentes: a lei estadual n.º 1931, de 11 de setembro de 1928 criou os municípios de Surubim e Orobó e a lei n.º 23 de 10 de outubro de 1935 criou o município de

João Alfredo. Bom Jardim também deu uma parte de seu território para a constituição do município de Macaparana.

Com os 2268 quilômetros quadrados de antigamente, Bom Jardim era um dos maiores municípios de Pernambuco. Com a criação dos municípios de Surubim, Orobó e João Alfredo, sua superfície atual é de apenas 305 quilômetros quadrados...

VIDA ADMINISTRATIVA

O primeiro prefeito eleito de Bom Jardim foi o dr. Justino da Motta Silveira, figura de projeção nos meios políticos da época, e, que exerceu, por muito tempo, profunda influência na política municipal e estadual. Como sub-prefeito, foi eleito o cidadão José Eloy Pereira Lima e o nosso primeiro Concelho Municipal era composto dos seguintes membros: Abílio Aprigio de Souza Barbosa, Manuel Joaquim Pereira Lima, José Rosa Lima de Aguiar, Manuel Gomes Pessoa dos Santos, José Epaminondas da Cunha Azevedo, Marcolino Liberato Queiroz de Aquino, Carlos Ferreira da Silva, José Jovino de Faria Leite e Joaquim Francisco de Melo.

Devido à falta dos livros de atas do Concelho Municipal, tornou-se difícil precisar com rigor a ordem cronológica dos prefeitos bonjardinenses. Entretanto, conforme tradição oral, conseguimos anotar os seguintes prefeitos: Major Prisciliano da Motta Silveira; Coronel Joaquim Gonçalves da Costa Lima; Severino Motta, que adquiriu o prédio onde foi instalada a Intendência Municipal, hoje Usina Elétrica; Major Abílio Aprigio de Souza Barbosa; Major Prisciliano da Motta Silveira, pela segunda vez; Coronel Manuel Gonçalves Souto Maior, que construiu o prédio do Açougue Público, onde hoje funciona a Cadeia; Dr. José Claudino de Paiva, que instalou o serviço de luz elétrica na sede do município, em 1925; Coronel Didimo Vieira Carneiro da Cunha; Dr. Severino Patrocínio de Souza Barbosa, que construiu as pontes do Catolé e a da rua Manuel Augusto (antiga João Pessoa), uma barragem no rio Tracunhaém e reconstruiu, em cooperação com estabelecimentos comerciais de Recife, as casas destruídas pela enchente de 1930; Dr. Abdisio Prazeres, que se empossou em 18 de Outubro de 1930; Major Alfredo di Agostini, que se empossou a 29 de dezembro de 1930; Dr. Manuel Gomes Maranhão, que se empossou a 17 de dezembro de

1931, tendo construído o Mercado Público e calçado um trecho da então vila da Boa Vista, hoje João Alfredo; Dr. Antenor Alves Pedrosa, que se empossou a 2 de janeiro de 1933; Dr. José Carlos Soares Santana, que se empossou a 24 de Março de 1934, tendo adquirido o prédio onde funcionou antigamente a Prefeitura e hoje é ocupado, depois de reconstruído, pela Escola Normal Santana, em consequência de uma doação do prefeito João Lucena Barbosa; Laieté Jatobá, que se empossou a 28 de dezembro de 1935; Artur Guerra Cavalcanti, que se empossou a 17 de agosto de 1936; Coronel Manuel Gonçalves Souto Maior (segunda vez), que se empossou a 16 de agosto de 1936, deixando seu nome ligado à construção das seguintes obras: o Fórum, o Matadouro Municipal, o atual edifício da Prefeitura, o Grupo Escolar Raimundo Honório (auxiliado pelo Estado), as atuais praças 19 de Julho, Agamenon Magalhães e Getúlio Vargas, os cemitérios de Bizarra e Machados, obras de arte na estrada a João Alfredo, o calçamento da rua São Francisco, o posto de gasolina na praça 19 de Julho, o Astória-bar na praça Getúlio Vargas, tendo também aumentado o Cemitério Público da cidade, acrescentando-lhe a casa da administração e o necrotério, procedendo ainda a delimitação do município; Dr. Lamartine da Costa Lima, que se empossou a 16 de outubro de 1944; Artur Guerra Cavalcanti (segunda vez), que se empossou a 20 de janeiro de 1945; Tenente José Toscano de Brito, que se empossou a 30 de novembro de 1946; Major Carlos Afonso de Melo, que se empossou a 12 de abril de 1947; Major Manuel Alves de Queiroz, que se empossou a 30 de maio de 1947; Major Artur Guerra Cavalcanti (terceira vez), que se empossou a 6 de agosto de 1947; Dr. Ascendino Cândido das Neves Filho; João Lucena Barbosa da Silva, que se empossou a 8 de novembro de 1947, tendo reinstalado o serviço de energia elétrica na sede do município e criado o da vila dos Machados, bem como calçou, a paralelepípedos a rua coronel Jerônimo Heráclio (antiga Cleto Campelo) e parte da rua Manuel Augusto e, com o auxílio de verbas federais, edificou o Posto de Higiene, quatro grupos rurais e iniciou a Maternidade; Dr. Sylvio da Motta Silveira, que se empossou a 8 de novembro de 1951, tendo calçado, a paralelepípedos, as ruas Joaquim Gonçalves, Dr. Justino da Motta Silveira, Manuel Augusto, parte da rua Sigismundo Gonçalves (pátio da Estação). Está continuando a construção da Maternidade, tendo sido concluídos os trabalhos da reconstrução da barragem do Catolé, além de outros pequenos melhoramentos, entre os quais a conservação de rodovias e a construção da praça padre João Pacífico.

VIDA ECONÔMICA

A vida econômica de Bom Jardim, desde seus primórdios, girou sempre em torno das atividades agro-pecuárias, exercidas nos seus trezentos e cinco quilômetros quadrados de terras enladeiradas, em função de uma policultura capaz de abastecer o município.

O município tem o seu território subdividido em 1848 pequenas e grandes propriedades, nas quais os camponeses plantam milho, feijão, mandioca, algodão, batata-doce, mamona e frutas próprias do clima, destacando-se, entre elas, o abacaxi e a banana.

Na zona de Lagoa Comprida a cultura do abacaxi significa uma safra anual de mais de cinco milhões de frutos. Em Machados e Bizarra — distritos do município — predomina o cultivo do café, que é o principal produto dessa região, seguido da grande produção de frutas que abastecem a capital, via Lagoa Comprida, povoado servido de estrada de ferro e que é o escoadouro dessas riquezas.

Tanto a agricultura como a pecuária são fomentadas pela "Cooperativa de Crédito Rural de Bom Jardim Limitada", estabelecimento bancário que vem desempenhando um importante papel no desenvolvimento da comuna pela assistência financeira que presta aos pequenos agricultores e criadores. Fundada em 1939, a "Cooperativa" — uma das mais organizadas do Estado — tem, graças aos esforços de sua diretoria, à confiança do povo e ao apoio dos poderes públicos podido enfrentar tôdas as dificuldades. Em 1952 emprestou Cr\$ 993.060,00 a 228 pequenos agricultores e criadores.

Nossa pecuária cada ano mais se desenvolve.

Os pequenos criadores lidam com o gado crioulo, e, os mais abastados, já procuram melhorar seus rebanhos com o cruzamento de raças estrangeiras.

Bastante significativa é a criação de suínos que, cada vez mais, também aumenta.

A arrecadação dos diversos impostos a cargo das repartições competentes, no exercício financeiro de 1952, mostra as possibilidades do bonjardinense como uma demonstração evidente de sua capacidade de trabalho:

Coletoria Federal	Cr\$	521.714,20
Coletoria Estadual	Cr\$	1.290.983,10
Prefeitura Municipal	Cr\$	970.576,40

Uma fábrica é a aspiração máxima de todo bonjardinense, no sentido de serem melhor aproveitados muitos braços capazes de produzir mais e de acelerar o desenvolvimento econômico da terra.

VIDA RELIGIOSA

Como tantas outras cidades brasileiras Bom Jardim originou-se de uma capelinha, junto da qual foram edificando casas de moradia para os que negociavam no sertão paraibano. O povoado desenvolveu-se à sombra da cruz e na origem encontramos logo a figura do padre realizando um trabalho admirável de propagação religiosa e, ao mesmo tempo, de colonização que lembra os missionários portugueses quando desembarcaram no Brasil selvagem e tropical. A esse esforço e a esse trabalho religioso Bom Jardim deve todo seu progresso, pois, com a sua exclusão, a antiga fazenda talvez não conseguisse atingir o seu desenvolvimento atual.

A freguesia de Bom Jardim, cuja padroeira é Santana, foi criada em 1757, por ato da Mesa de Consciência e Ordens, instalando-se a 20 de dezembro do mesmo ano. Foi seu primeiro vigário o padre José Inácio Teixeira.

A igreja matriz da cidade do Bom Jardim foi reconstruída em 1876 pelo missionário frei Cassiano e está consagrada a Santana, padroeira da paróquia. Possui lindas imagens em altares característicos da época, além de um painel da padroeira no fôrro da nave central. Há também dois antigos sinos com as seguintes inscrições: no primeiro, "Os irmãos da Senhora Santana o fizeram fundir em 1796" e, no segundo, "Louvado seja São José — 1782".

A paróquia do Bom Jardim se localiza quase toda no município do mesmo nome, com exceção de uma pequena parte situada em Orobó. Conta a paróquia com mais as seguintes igrejas e capelas: igreja de São Sebastião (na cidade); igreja de Nossa Senhora do Carmo (na cidade); capela do Cemitério (na cidade); igreja de Nossa Senhora da Conceição (na fazenda Itagiba); capela de Nossa Senhora da Conceição (em Parijós); capela de São José (em Camará); capela de São Sebastião (em Salobro, distrito de Orobó); capela de

São Lourenço (em Barroncos); capela de São Sebastião (em Pedra Fina); capela de São Sebastião (em Olhos d'Água); capela de Santo Antônio (em Lagoa Comprida); capela de São José (em Bizarra); capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso (no engenho Palma).

E' a seguinte a relação dos párocos e vigários que exerceram, até nossos dias, suas atividades religiosas: padre José Inácio Teixeira (1757); padre Manuel da Motta Silveira; padre Antônio de Holanda Chacon (1850); padre Getúlio Augusto da Costa; padre Manuel Idalino Fernandes, cooperador; monsenhor Marcolino Pacheco do Amaral; padre José da Silva Borges (de 1870 a 13-3-1898); padre João Pacífico Pereira Freire (de 5-6-1898 a 21-2-1932); padre Manuel Gonçalves da Costa Lima, cooperador (de 1914-1915); padre Virgílio Estanislau Afonso, cooperador (1925); padre Renato Corrêia Guedes, cooperador (de agosto de 1929 a 21-2-1931); monsenhor João da Mata de Andrade Amaral (21-2-1932 a 6-4-1934); padre Júlio Barbosa de Moura (6-4-1934 a 9-7-1939); padre Hernandez Zeferino Rodrigues da Silva, cooperador (de janeiro a junho de 1938); padre Otto Sailer, substituto (1939); padre Luiz Gonzaga Vieira de Melo, cooperador (de 7 de março a julho de 1939); padre Theodoro Gerhandus, cooperador (de 12-6-1941 a 13-7-1941); cônego Antônio Gonçalves de Sousa, pároco inamovível (de 9-7-1939 até a presente data).

Em 28 de janeiro de 1942 Bom Jardim foi elevado à categoria de paróquia inamovível, sendo nomeado pároco o atual cônego Antônio Gonçalves de Sousa.

Funcionam na paróquia as seguintes associações religiosas: o Apostolado da Oração, fundado em outubro de 1898, cuja diretoria atual é a seguinte: — Maria da Mota Souto Maior, presidente; Ana Amélia de Miranda, secretária e Amélia Silva de Barros, tesoureira; a Confraria de São Vicente de Paulo, fundada em 9 de maio de 1901, presidida atualmente por Heliodoro Gonçalves de Arruda, tendo José Elias de Albuquerque Farias como vice-presidente, Manuel Gonçalves Guerra como secretário e José Dias da Cunha como tesoureiro; a Associação de São José, fundada a 19 de maio de 1907, tendo Maria da Conceição Melo como presidente, Irene Gonçalves de Farias como secretária e Raimunda da Mota Ribeiro como tesoureira; a Pia União das Filhas de Maria, fundada a 30 de Maio de 1920, tendo Raimunda Barros como presidente, Maria Isabel Arruda como vice-presidente, Geralda Navais Cabral como secretária, Maria Augusta Melo como tesoureira, Ana Amélia de Miranda como Mestra das Aspirantes e Paula Jesus Melo, Jandira Henriques de Oliveira e Emília Gonçalves como conselheiras.

Funciona também na cidade a Igreja Batista, à rua Manuel Augusto n.º 83, sob a orientação de um pastor itinerante.

VIDA ARTÍSTICA

No passado, uma banda de música era uma constante na paisagem de toda cidade do interior. E essa constante se observava em vários aspectos da vida social: nos entêrros, nos casamentos, nas passeatas, nas procissões, nas retretas, nos comícios políticos, encontramos sempre a banda musical fazendo ressaltar a alegria ou a tristeza do momento. O lugar que elas ocupavam no passado singularizava-se, antes de tudo, pela sua presença em toda a vida municipal. Nos bailes vemos a banda de música animando os nossos antigos saráus, tocando lânguidas valsas e animadas polcas. Nos entêrros dos figurões da cidade e nas procissões de Nosso Senhor Morto se executavam tristonhos funerais. Nas passeatas comemorativas de datas cívicas e nos comícios políticos a cidade ouvia dobrados em que se podia notar o senso artístico dos músicos da terra utilizado para louvação de uma efeméride patriótica ou de algum chefe político em evidência.

Em cada cidade quase sempre existiam duas bandas de música que tocavam nos comícios do governo e da oposição, conservando, nesses momentos, a mesma animosidade que separava os adversários. Muitas vezes, nessas ocasiões, elas se encontravam e disputavam dobrados e o tempo passava sem que se soubesse qual tinha sido a vencedora. Ai, intervinha a "torcida", os músicos se engalfinhavam com os "torcedores", até "peixeiras" apareciam nesses encontros que terminavam quase sempre com a intervenção policial.

A primeira sociedade musical bonjardinense de que temos conhecimento foi a "Samaritana", fundada em 1884 pelo coronel Joaquim Gonçalves, prestigioso chefe político que, nos dias de ensaio, montado em seu cavalo alazão, saía, de porta em porta, avisando os músicos. E o partido que lhe fazia oposição mantinha a "Jagodes". Em 1887, quando Bom Jardim hospedou a caravana de Joaquim Na-

buco e José Mariano, a "Samaritana" executou os dobrados da recepção no patamar da residência de então juiz de direito dr. João Coimbra.

Germinando a semente deixada pela palavra de Joaquim Nabuco, organizou-se em 1888, a "Banda Musical 13 de Maio".

Em outubro de 1894 foi organizada a "Sociedade Euterpe 7 de Setembro" que durou apenas cinco meses para, em seguida, dar lugar ao aparecimento da "Banda Musical 15 de Novembro" que tocou na célebre procissão da passagem do século.

Em 1903 apareceu a "Banda Musical 14 de Julho" que teve como diretor artístico o maestro José Ferreira de Souza Sedycias com a participação de José de Souto Lima, João Gercino Pessoa, Levino Ferreira e outros, encerrando suas atividades em 1910.

Em comêço de 1912, o maestro Levino Ferreira organizou a "Banda Musical 22 de Setembro", na qual o poeta Israel Fonsêca tocava trompa e o desembargador Dirceu Borges tocava bombardino, participando ainda da mesma Américo Sedycias, José Aureliano, Anísio Ferreira, João Ferreira Navais, Manuel Motta, Ascendino Motta, José Ferreira da Silva, Pacífico Guimarães, Júlio Pessoa Santos, Olímpio Gonçalves Guerra e outros.

Em 1916 o maestro João Gercino Pessoa Santos fundou a "Banda Musical 20 de Janeiro", também conhecida por "Jagunça", da qual fizeram parte Manuel Pessoa dos Santos, Severo Gonçalves Farias, João Pessoa, Abdias Gomes da Cunha, Abílio Prazeres dos Santos e outros.

Durante a permanência do monsenhor João da Mata (1932-34) existiu a "Banda Musical São João Batista", popularmente denominada "Rabada", dirigida pelo maestro João Gercino Pessoa Santos, integrada por José Pessoa Sedycias, Joaquim Agripino da Silva, pelo compositor Dinamérico Pessoa Sedycias e elementos remanescentes da "Jagunça".

Até que enfim, foi fundado o "Grêmio Litero-Musical Bonjardinense" denominado "Caldeirão", a 22 de outubro de 1932, sob a batuta do maestro Manuel Pessoa dos Santos, mantida por uma geração de jovens músicos.

Atualmente, os músicos bonjardinenses se destacam no panorama artístico de Pernambuco por suas composições nas quais se pode observar, claramente, certas peculiaridades regionais que são muito apreciadas. Inspirando-se nos motivos ligados às nossas tradições os compositores de Bom Jardim adquiriram uma posição singular para nossa terra que hoje é bastante conhecida devido às produções de seus filhos. Podemos indicar, entre os mais destacados: Levino Ferreira ("Mestre Vivo"), compositor de música carnavalesca, fiel intérprete da música pernambucana, criador de "Último dia",

"A cobra fumando", "Pororoca" conhecidos em todo país; Lourenço Barbosa (Capiba), autor da estilização do maracatú pernambucano, revelando nessa particularidade muitas qualidades, o que já foi destacado pela critica especializada e pelo estudo de Ariano Suassuna incluído no volume "E' DE TORORÓ"; Dinamérico Sedycias que está se projetando como compositor de música popular; o desembargador Dirceu Borges que, em 1920, compôs a conhecida valsa "Se os olhos falassem", cuja repercussão ultrapassou nossas fronteiras; o violinista Gerson Borges, exímio criador e intérprete na arte de Segovia; e ainda Pompeu e Milton Ferreira, Américo Sedycias, Dimas Sedycias, José Pessoa Sedycias e outros.



No passado, desenvolveu-se também em Bom Jardim a arte dramática que era utilizada para a diversão do povo da cidade, contando com afluência até de gente dos arredores. Esse esforço, para nosso desenvolvimento teatral contava, exclusivamente, com a cooperação de amadores da sociedade local e que se agrupavam, tendo como objetivo animar um pouco mais a vida artística da cidade.

Pereira da Costa indica a existência, em 1882, da "Associação Dramática Familiar e Literária do Bom Jardim" que, além de representar vários dramas, mantinha uma biblioteca para incentivar as letras.

A 15 de novembro de 1896 foi fundada a "Sociedade União Dramática Bonjardinense", que tinha "por fins — recrear e instruir ou oferecendo aos seus associados representação dramática, ou criando uma biblioteca para estimular o gosto pela leitura", conforme o art. 2.º de seus estatutos. Durou até 15 de novembro de 1900, quando comemorou seu quarto aniversário, tendo então editado um jornal em regosijo à data. Contava com a colaboração de Nicanor Prisciliano da Cunha Souto Maior, Honório Américo da Cunha Souto Maior, Manuel Augusto de Miranda Henriques, José Alves, Manuel Martins da Cunha Souto Maior, Alfredo Gonçalves da Costa Lima, Manuel Gomes da Cunha Souto Maior, Genésio Augusto Pereira Lima, Antônio Ferreira Guimarães, Enéas Gonçalves de Vasconcelos, Agripino Ferreira da Silva, Joaquim Rogaciano Pereira Lima, Leovigildo de Arruda Souto Maior, João Gelásio d'Andrade Lima, Manuel Olimpio da Cunha, Honório Altino Guerra, Maria Eulália Souto Maior, Pedro Leonardo da Cunha, Josefa da Fonseca Souto Maior, Manoel Efísio Monteiro, Otaviano Aureliano da Cunha, Antônio F. C. Navais, José Severino de Araújo, Júlio da Mota e Silva e Daciano Lins Carneiro de Albuquerque.

Além dessas duas sociedades surgiram, em épocas diversas, alguns grupos de amadores que encenavam suas peças em benefício quase sempre de uma instituição religiosa ou de caridade. Vários dramas foram encenados por êsses amadores e podemos indicar "Rosa de Tanenburgo", "Quem quebrou o vaso", "As representantes" para citar somente os de mais repercussão. Manuel Olimpio Souto Maior e Ângelo André da Silva sempre estavam à frente de tais empreendimentos.

Registramos também a existência do teatro escolar a cargo dos diversos estabelecimentos de ensino da cidade.

ESTRADA DE FERRO

Não conseguimos fixar no tempo quando foram dados os primeiros passos na construção da estrada de ferro ligando Limoeiro a Bom Jardim. Mas, sobre o assunto, encontramos um documento interessante: uma cópia da ata de uma sessão extraordinária do Concelho Municipal realizada no dia 30 de outubro de 1880, sob a presidência do advogado José Cipriano Bezerra de Melo. O motivo dessa sessão extraordinária foi um ato do Ministro da Agricultura aprovando o traçado de expansão da estrada de ferro que servia à região, contemplando o município. Os concelheiros José Cipriano Bezerra de Melo, João Antônio Duarte, Francisco Xavier da Fonsêca, José Francisco Xavier da Fonsêca e Joaquim Gonçalves da Costa Lima Filho, ficaram atônitos com a boa nova. Com a vinda da estrada de ferro surgiam alguns problemas que poderiam acarretar inúmeros prejuízos aos munícipes. O transporte de cargas naquela época era todo feito no dorso de animais e a estrada de ferro significava que inúmeros bonjardinenses ficariam sem ganha pão, pois muitos deles eram "tropeiros", sendo comum a passagem de "tropas" com mais de cem animais. Acresce ainda que a estrada de ferro também faria de Bom Jardim um alvo de ladrões e outros elementos indesejáveis. Pensando assim, o Concelho Municipal não quis permanecer de braços cruzados: reuniu-se para defender os sagrados interesses da coletividade.

Dizia a ata "que o sr. Presidente havia convocado extraordinariamente esta sessão para representar a sua Excia. O Ministro da Agricultura sobre a conveniência de ser removido o traçado da estrada de ferro de Limoeiro para esta cidade; e, apresentada a consideração dos concelheiros, a representação foi UNANIMEMENTE aprovada a sua redação e a mesma enviada ao mesmo Exmo. Ministro".

Somente lendo o n.º 1 da "Gazeta de Bom Jardim", publicado a 30 de janeiro de 1921, é que voltamos a ter notícias da ferrovia que constituiu o maior e o mais efêmero sonho da comunidade: o presidente Epitácio Pessoa assinava o decreto autorizando a construção do ramal Limoeiro-Bom Jardim.

De 1921 a 1933, a burocracia tomou o tempo, as terras foram desapropriadas, os engenheiros localizaram as obras d'arte. No dia 1 de agosto de 1935 uma turma fez a "roçagem" do local indicado para a construção dos prédios. No dia 8, os engenheiros Abelardo Araújo e Camilo Collier examinaram o referido local e, no dia 9, marcaram os alicerces da estação, do armazém, do dique. No dia 21, cem operários iniciavam os trabalhos de construção.

Os bonjardinenses viviam sonhando com a inauguração do melhoramento que era assunto de tôdas as conversas na calçada das farmácias e nos bilhares. As mães acariciavam a idéia de um casamento para a filha mais velha. Os rapazes, aguardavam trabalho nas fábricas que o trem havia de trazer. Os capitalistas da terra construíam e compravam casas para alugar. E, aos domingos, muita gente, como uma procissão, ganhava o leito da estrada para ver, de perto, a marcha dos trabalhos. Os meninos catavam pedaços de mica nas escavações. Os namorados, felizes, pensavam na casa mobiliada, no trabalho certo, porque todos viviam embalados pelo sonho do progresso.

Até que afinal, às 16 horas do dia 8 de maio de 1937, apontou, na última curva, resfolegante, a locomotiva n.º 253 puxando a composição inaugural. A cidade estava em festa e o povo delirava. Espoucavam foguetes. Era gente que só vendo. O trem parou e saltou a comitiva composta dos srs. Dr. Lafaiete Bandeira — Secretário de Viação e Obras Públicas, dr. Tolentino de Carvalho — do Departamento das Municipalidades, dr. Manuel Leão — superintendente da Great Western, Mr. Dobson, chefe do tráfego, dr. João Caminha — chefe das construções, jornalista Luiz de Barros — representando o "Jornal Pequeno" e a revista "Caeté", jornalista Samuel Cavalcanti — representando o "Diário de Pernambuco", jornalista Luiz Xavier Gaião — representando a "United Press". Na plataforma da estação uma comissão de pessoas influentes da cidade recebeu os membros da comitiva. Usaram da palavra o advogado Pereira da Nóbrega e o dr. Cornélio da Fonsêca — chefe do Departamento Nacional de Estradas de Ferro — que "enalteceram as vantagens e benefícios decorrentes da conclusão dêsse prolongamento, congratulando-se com os presentes".

No pátio, ainda com certo receio, a "matutada" olhava a locomotiva.

Havia chegado o dia por todos aguardado com ansiedade.

O trem — “o cavalo de ferro do governo”, como os matutos chamavam — ali estava, com o atraso de mais de cinquenta anos no papel que poderia ter desempenhado no desenvolvimento da terra bonjardinense, já então cortada por estradas de rodagem por onde caminhões, verdadeiros bandeirantes do progresso, ampliaram a economia regional.

Por determinação do dr. Superintendente assumiu, no mesmo dia, a chefia da estação o agente de 3a. classe Anélio Arcoverde, sucedido em suas funções pelos srs. Plácido de Lima (1942), Misael Bezerra (1944) e Sebastião Perilo de Moura Borba que, no momento dirige os trabalhos da antiga “Great Western”, hoje “Rêde Ferroviária do Nordeste”.

Concluimos com a afirmativa de Olimpio Guerra:

— A estrada de ferro em Bom Jardim de progresso não trouxe nem ladrão de cavalos...

AS FESTAS

Bom Jardim também tem as suas festas religiosas, consagradas à veneração de santos da Igreja Católica.

A mais antiga é a de Nossa Senhora Santana, padroeira do lugar, que vem sendo realizada há mais de oitenta anos. Em 19 de fevereiro de 1922, realizou-se a mais animada festa de Santana de que tivemos conhecimento. A cidade estava apinhada de gente de toda parte. Foi organizado e executado um vasto programa que constou de: uma grande girândola ao alvorecer; missa solene rezada por monsenhor José Landim, tendo o padre Antônio de Lima como diácono e o padre João Pacífico como sub-diácono, cabendo a pregação do Evangelho ao famoso orador sacro cônego João Carneiro; procissão que arregimentou todos os fiéis e todas as irmandades e associações religiosas, um verdadeiro mar de gente percorrendo as ruas embandeiradas; Te Deum, finalizando os atos litúrgicos. Duas fanfarras, a "São Sebastião" e a "22 de Setembro", sob a direção do professor Levino Ferreira e do maestro Firmino, abrilhantaram os festejos externos e a procissão. O jornal "Bom Jardim Chic", que circulou naquele dia, em sua seção "Footingando", anotou a presença das seguintes senhoritas, "todas elegantes e enchendo de vida e riso o "footing": Dalilã Demouro, Petronila Navais, Severina Navais, Eutrópia e Epifânia Farias, Neomésia e Maroquinhas Soares, Ana de Castro, Paula Souto Maior, Maria Cecília Leitão, Stela e Maria Souto Maior, Zezé Costa Lima, Maria José Gonçalves, Iracema Souto Maior, Esmeraldina Castro, Maria José Vieira, Raimunda Ribeiro, Maria Augusta Souto Maior, Severina Gonçalves Mota, Olindina Santos, Maria Olimpia, Celeste Barbosa, Josefa Farias, Antonina Prazeres, Anita Mota, Otilia Engrácia e Maria Digna. Entre as pessoas de influência política e comercial na região o jornal "Bom Jardim Chic" registra a presença do coronel Didimo Carneiro

da Cunha, do capitão José Natal e do coronel Antônio de Moura, presidente do Concelho Municipal.

A festa de Santana está sendo realizada a 26 de julho, sem aquêle brilhantismo dos anos passados e em plena época invernosa.

Organizada por Raimunda Barros, Maria Ferreira, Manuel Gonçalves Guerra e outras pessoas, temos também a festa de Nossa Senhora do Carmo, a 25 de setembro. Trata-se de uma festa de âmbito estritamente local e que não pode ser ampliada em virtude da impropriedade do local bastante ladeiroso. A festa também é realizada durante o inverno.

A principal festa da cidade é a que goza de mais fama, atualmente, é a de São Sebastião, celebrada sempre a 2 de fevereiro.

Tem a tradicional festa o poder de reunir a maior parte dos bonjardinenses que residem em outras cidades e que deixam para rever o torrão natal e os parentes naquele dia, consagrado ao glorioso mártir. Inúmeros forasteiros aparecem, atraídos pela fama da melhor festa do lugar.

Vejamos a história da festa de São Sebastião.

Corria o ano de 1926...

Grassava, naquele tempo, a peste bubônica, fazendo milhares de vítimas. Dominava o terror, estampado na fisionomia de todos. Quase ninguém cuidava de suas obrigações habituais, porque todos pensavam na peste que foi o maior flagelo da região. As piores e as mais tristes notícias chegavam com os acréscimos de costume:

— Bubônica em Orobó!

— Bubônica em Tamboatã, informavam os tropeiros, os viajantes, o telégrafo.

E, cada dia, a peste se aproximava mais da cidade. Foi então que um pai de família numerosa — Napoleão Gonçalves Souto Maior — temendo as consequências fatais do terrível mal, fez uma promessa ao glorioso São Sebastião para que a bubônica não chegasse, livrando, assim, a família bonjardinense do luto, da lágrima e da dor. Se fôsse atendido, haveria de tirar esmolas, de porta em porta para, em todo 2 de fevereiro, fazer uma festa em honra do santo. Como por milagre, a peste passou ao largo. No dia 2 de fevereiro de 1927 tivemos a primeira festa de São Sebastião. Quermesses, barraquinhas de prendas, carrosséis, foguetões. Tocou a banda de música "Primavera", do engenho Primavera, município de Limoeiro. Depois nasceu a idéia de ser construída uma igrejinha. Comissões percorreram a região, rabos de bacalhau deram trezentos mil réis nas quermesses, pastoris foram organizados, para que hoje tivéssemos a igrejinha de São Sebastião na rua Manuel Augusto.

Foi assim que começou a maior festa do lugar.

Outras gerações falam na célebre procissão comemorativa à passagem do século. Recordam as missões de dom Luís Raimundo da Silva, bispo de Olinda, em 1901, que durou muitos dias. Relembram as santas missões encerradas no dia 17 de janeiro de 1907, quando frei Adalberto, frei Atanásio, frei Lucas e frei Afonso, seguidos de grande massa popular, ergueram o santo cruzeiro em frente à igreja do Carmo.

Outra festa muito falada foi a chegada do coronel Joaquim Gonçalves do sul do país, no dia 11 de março de 1917. Houve toque de alvorada, salva de vinte e um tiros, bandeiras de papel enfeitando tôdas as ruas. E, fazendo-se acompanhar de mais de trezentos cavaleiros, entrou na cidade o coronel Joaquim Gonçalves. A "22 de setembro", com seu fardamento de gala, executava dobrados patrióticos. Usaram da palavra diversos oradores: dr. João Elisio, dr. Manuel Cândido, acadêmico Severino Cavalcanti, Manuel Novais e o músico e mais tarde poeta Israel Fonsêca, em um discurso, traduzia o entusiasmo de todos:

— "O meu sêr de moço sente-se mesquinho, como que o meu sangue se paraliza em minhas veias e não chega-me ao cérebro donde o raciocínio foge ante o fulgor da manifestação que todos nós presenciamos, e é balbuciando sem expressões que ousa falar-vos".

O popular Ezequias Alves de Sousa, improvisou versos:

"No dia 11 de março
Chgou êle na cidade
Houve grande regozijo
E gritos de liberdade
No meio de tal concurso
Um doutor fêz um discurso
Anunciando a liberdade!"

Terminava assim:

"Peço desculpas senhores
Se notaram história errada
Pois não tenho elemento
Para fazer bem narrada;
De fato não está ruim
Um matuto igual a mim
Não pode ser bom em nada!"

Choviam flores e confetes sobre a multidão. Foi servido na residência do prefeito Manuel Gonçalves Souto Maior um banquete

Às dezessete horas foi organizada uma passeata que percorreu as ruas da cidade. À noite foram queimados fogos de artifício, entre os quais um magnífico painel que, em dado momento, fez surgir a fotografia do homenageado. Terminou a festança, uma das maiores daquele tempo, com um baile que se prolongou até o amanhecer.

DE UM LIVRO DE ASSENTOS

Muitos dados interessantes sobre a vida social e os costumes do Brasil antigo, podemos encontrar nesses livros de assentamentos, onde os nossos antepassados anotavam, com toda a pachorra, tudo que fôsse relacionado com sua família, seus amigos e o lugar onde moravam: a morte de um parente, o nascimento de um filho, ou um acontecimento que envolvesse a população de sua cidade.

O velho Joaquim Rogaciano Pereira Lima, de tradicional família bonjardinense, dedicava-se ao comércio e, nas horas vagas, tocava piston, o que fazia muito bem. Tinha o hábito de registrar em seu "MEMORIAL PARA LEMBRANÇAS E NOTAS AVULSAS", iniciado em 1882, todos os pequenos acontecimentos de seu tempo. Deixou-nos, assim, um desses célebres livros de assentos, com o auxílio dos quais os sociólogos têm podido restaurar os costumes, as tradições e muitos acontecimentos no nordeste colonial.

Em seu memorial, Joaquim Rogaciano Pereira Lima anotava suas impressões também sobre a vida social de Bom Jardim, chegando mesmo a mencionar certos detalhes bastante curiosos como a compra de uma máquina de costura para dona Trifônia, sua senhora, por vinte e dois mil réis...

Lendo essas páginas já bastante estragadas pela marcha do tempo, podemos encontrar muitos dados sobre fatos que não estão registrados em nenhuma outra parte. Acontecimentos há que só agora podem ser lembrados com todas as minúcias, graças à pachorra e à paciência desse bonjardinense que perpetuou seu tempo em um livro de notas.

A-fim-de se ter uma idéia do precioso conteúdo desse livro de tanto valor para a história de Bom Jardim, vamos transcrever

algumas de suas notas, respeitando a ortografia da época e o estilo do autor:

Sobre casamento: "Cazei-me em 8 de Fevereiro de 1887, dia de Terça fra., as 7 horas da tarde, com Triphonia Jezuina de Miranda Lima, foram testemunhas deste Cazamento, Carlos Ferra. da Silva e a sua Exma. Snra. e o Ilustre Capm. Rogoberto Barboza. da S.a e sua Exm.a Snr.a D^o Lauriana C. Glz. Lins. Teve lugar este Cazamento no lugar Altos desta Freguezia de Bom Jardim, Parochia de Sta. Anna, pello Reverendissimo Vigario Jozé Fram.co de Sa. Borges, mui digno Vigário de Bom Jardim". (pág. 5).

Sobre a fundação de uma banda de música: "Principiou a Sociedade 7 de 7 bro. a 23 de 7bro. de 1884, dia de Dom^o, as 3 horas da tarde no Beco da Saudade n.^o 7. (pág. 5-V).

Sobre uma calamidade: "No dia 12 de março de 1896, 5a. fra., as 3 h. da tarde, teve lugar uma grande tempestade de vento com chuva de pedra" (pág. 15-V).

Sobre uma dívida de promessas: "Devo a S. Severino do Ramo 1 Cabeça de Sera, e 1/2 Perna de sera promessa q. fiz em 21 de 12 de 1901. Devo a Na. S. do Morro 1 Facha de cor Azul claro pa. Adelaide entregar". (pág. 15-V).

Sobre nascimento e batisado: "Nasceu a 31 de 10bro. de 1895 dia de 3a. fra. as 8 hs. e 20 minutos da manhã, nactural da Freguezia de Bom Jardim, estado de Pernambuco, Filha Legitima de Joaq.m Rogaciano Pr. Lima e Triphonia J. Mrda. La. Baptizou-se no dia 3a. fra. as 5 h. da tarde, em 12 de 8bro. de 1896 pelo Vigario Jozé Fram.co da S.a Borges, sendo seus Padrinhos Manuel Jm. Per. Lima, e Reparata G. de Moura, e Amelia de Ma-laquias: Maria do Carmo de Mrda. Lima." (pág. 16).

Sobre doenças: "Sergio com a idade de 12 annos e tantos mezes teve uma febre entestinal q durou essa 28 dias, e levantou-se no dia 22 de Março de 1902. Damos graças a Deus de restabelecer, prometeu elle a S. Severino do Ramos 1 vella enfeitada." (pág. 18)

Sobre mudança: "Leovegildo mudou-se desta Cidade de Bom Jardim no dia 19 de 7bro. de 1907, p.^o a Capital do Recife com Pharmacia Sto. Antonio." (pág. 33).

Sobre falecimento: "Faleceu Guilhermina C. Glz. Lins. Espousa do Dr. Justino da Motta Silvr.a a 15 de Agosto de 1904 dia

de 2a. fa. as 8. h. da noite, sua alma descance na manção dos justos" (pág. 34).

Sobre venda de propriedade: "Vendi o meu Sítio no lugar Freitas no dia 23 de 7bro. de 1908 ao Sr. Framco. — B. Lucena. Rs. 1.650:000 rs." (pág. 40).

Sobre viagem: "Sergio foi a 4a. vez ao Recife no dia 20 de 7bro. de 1908 dia de domg. a chamado da Sa. Da. Maria Adelai-de C. de Amorim pa. ser empregado" (pág. 40).

OS JORNAIS

Como cidade do interior perfeitamente integrada na sociedade de sua época, Bom Jardim sempre possuiu seus jornais, embora nenhum deles tenha acompanhado o progresso e a evolução da cidade. Isso se explica devido a uma série de circunstâncias que não podem deixar de ser levadas em conta. Devemos considerar antes de tudo, o objetivo desses jornais que quase sempre surgiam à luz da publicidade nas novenas da padroeira Nossa Senhora Santana e nas festas de São Sebastião, para falar dos namoros, publicar anedotas, casos humorísticos, acrósticos, fantasias, quadras, a-fim-de que a atmosfera alegre da festa não se diluisse no tempo e ficasse registrada para as futuras gerações. Hoje, é uma delícia a leitura desses velhos jornais: todo o passado da cidade ressurge a nossos olhos numa visão que nos faz conhecer a vida de Bom Jardim há quarenta, cinquenta anos passados. Mas, o jornalista da cidade não girou somente em torno dessa espécie e, como não podia deixar de acontecer, aparecia sempre o jornal quando os correligionários de um dos chefes políticos desejavam homenageá-lo de uma forma que ficasse eternamente lembrada. E, nesses jornais, encontramos a política do município, os programas dos candidatos, sentimos a luta eleitoral para a conquista do poder.

Contudo, nossos jornais não apareceram somente nas festas da padroeira e nas homenagens aos chefes políticos: já tivemos publicações semanais que registravam em suas colunas a vida social, econômica e política do município, sem deixar de lado alguma colaboração literária. Na feitura dos jornais bonjardinenses encontramos quase sempre o mesmo grupo de idealistas: Levino Ferreira, que depois se firmou na composição dos frevos pernambucanos; Israel Fonsêca, o lírico dos "POEMAS E SONETOS"; Américo de Sousa Sedycias, J. Sobrinho, Nicanor Souto Maior, para citar somente os conterrâneos.

Atualmente, as condições sociais e econômicas não possibilitam a organização de uma empresa jornalística, com objetivo das que foram criadas no passado e chegaram a possuir oficinas próprias como "A IMPRENSA" e "A SEMANA". As amplificadoras substituíram os jornais, e as páginas do interior dos grandes diários da capital inserem farta colaboração sobre a vida dos municípios, devendo os assuntos mais íntimos da cidade ser ventilados nos jornais falados que ocupam, atualmente, o lugar das antigas publicações como uma decorrência das transformações econômicas.

Para que se tenha uma idéia da imprensa em Bom Jardim, vamos indicar os jornais que circularam de 1900 (salvo engano dos informantes) aos nossos dias: 1.º) "15 DE NOVEMBRO", que circulou no dia 15 de Novembro de 1900, em edição especial, comemorativa da fundação da "União Dramática Bonjardinense"; 2.º) "GAZETA DE BOM JARDIM", publicado em 19 de abril de 1919, sob a direção dos drs. Vieira da Cunha e Manuel Martins, tendo Amaro Abdon como correspondente em Recife, voltando a aparecer no dia 30 de janeiro de 1921; 3.º) "Bom Jardim CHIC", publicado "em homenagem à nossa excelsa padroeira Sant'Anna" no dia 19 de fevereiro de 1922; 4.º) "POLYANTHEA", aparecido em 18 de outubro de 1923, por ocasião da passagem do primeiro aniversário da administração do governador Sérgio Loreto; 5.º) "BOM JARDIM-JORNAL", que surgiu no dia 15 de novembro de 1925, sob a direção do dr. Manuel Lucena; 6.º) "A IMPRENSA", sob a direção de Levino Ferreira, Israel Fonsêca, Pedro de Holanda e J. Sobrinho, editado o quarto número que conseguimos manusear em 25 de fevereiro de 1925; 7.º) "A SEMANA", cuja publicação teve início em 13 de Junho de 1926, tendo se prolongado até 1936, obedecendo a orientação do dr. Osvaldo Lima, Austriclinio Bezerra, José Pontual e J. Sobrinho; 8.º) "A LANTERNA", lançado à luz da publicidade a 31 de janeiro de 1930; 9.º) "A LANTERNINHA", propriedade e direção de Bezerra & Wilson, que veio a lume no dia 2 de fevereiro de 1930; 10.º) "O FAISCA", órgão do riso da pândega, aparecido em 2 de fevereiro de 1932 sob a responsabilidade de Zé da Rua e Zé da Casa; 11.º) "O ATLETA", da "Associação Bonjardinense de Atletismo", sendo seu primeiro número distribuído no dia 10 de abril de 1933; 12.º) "O LITERÁRIO", sob a direção de Américo Sedycias, Mário Souto Maior, Dinamérico Sedycias, Nicanor Souto Maior e Mozart Nóbrega, tendo seu primeiro número aparecido em 19 de janeiro de 1936; 13.º) "O AVIÃO", de J. Ruvilo, Severino Ferreira e J. Sobrinho, dado à publicidade no dia 2 de fevereiro de 1938; 14.º) "O VARONIL", sob os auspícios da sociedade do mesmo nome.

dirigido por J. Sobrinho, publicado em junho de 1942; 15.º) "O RENOVADOR", que circulou em 15 de agosto de 1942, para comemorar a passagem de mais um aniversário da administração do prefeito Manuel Gonçalves Souto Maior. Também apareceu um jornalzinho humorístico intitulado "A COISA", cuja data não podemos precisar, pois, conforme seu expediente, apareceu no "dia tanto de tanto, de mil novecentos e trinta e tantos".

Existiram também diversos jornais manuscritos: "O ECHO BONJARDINENSE", "O CAZUZINHA" (1917) sob a direção de "Matuto da Serra", pseudônimo de J. Sobrinho; "O CANDIEIRO" (1917), dirigido por José Wilson; o "22 DE SETEMBRO" (1916), tendo Américo Sedycias como diretor; "A ABELHINHA" (do Grupo Escolar "Raimundo Honório") e "O FAROL" (do Instituto Santana).

Só tivemos conhecimento de um jornalzinho datilografado: O COLIBRI, que circulou em 1917, sob a direção de Pedro de Holanda, Pedro Eustáquio Vieira, J. Sobrinho e João Soares da FONSECA.

OS POETAS POPULARES

A arte da "cantoria" com toda a sua variedade de formas, gêneros e motivos também se desenvolveu entre nós, sendo muito apreciada devido às qualidades poéticas de seus cultores que, nas pelejas, costumavam lembrar sua origem com orgulho, como aconteceu em certa ocasião com o célebre João Pedra Azul. No passado quase não havia outros divertimentos e os cantadores tinham um público certo e entusiasta para ouvir as sextilhas, oitavas e décimas ao som da viola. Nessa fase a tradição registra bons cantadores, embora sua produção tenha se dispersado e não tenha chegado até nós ligada ao nome de seus autores.

Atualmente, apesar de Bom Jardim possuir alguns divertimentos, quando chega na cidade um cantador afamado muita gente vai ouvir seus "martelos" e dar "mote" para ser glosado de improviso e o tempo passa quase sem ninguém tomar conhecimento de sua duração, como acontecia no passado com os frequentadores do "bumba-meu-boi", pastoril e outros folguedos populares. Ainda hoje uma "cantoria" de Ciriaco e Severino Jorge consegue atrair a atenção de nosso público, desperta logo o interesse dos que gostam da poesia dos violeiros. No tempo da safra encontramos com frequência esse quadro: dois "cantadores" glosando, fazendo "repente" e discutindo na viola para a assistência decidir qual o mais talentoso. Nessa ocasião encontramos quase sempre o mesmo grupo de aficionados: Virgulino Ferreira da Silva, Solon e Manuel Guerra, João Ferreira da Silva ("Joãozinho de Virgulino"), Olímpio Guerra, Manuel Salustiano, José Gomes, mestre Cicero Salviano e muitos outros.

Muitos desses cantadores ainda são lembrados quando se fala num poeta popular que "glosa" e tem "repente". Apesar da

inexistência de informações sobre a maioria deles podemos mencionar: João Pedra Azul, Antônio Nunes Machado, João Aragão, João Emerêncio, Cecílio Barbosa, Zé Miguel, Zé Arruda, Duda Neto, Ciriaco e Severino Jorge, Manuel Pessoa dos Santos Dida e outros. Recorda-se também o "mestre" Zuza (José Ferreira de Souza Sedycias) como autor de muitos versos feitos de encomenda para os "cantadores", nos quais podemos observar a inspiração e a facilidade de rima, além de outras virtudes poéticas.

Sobre João Pedra Azul só encontramos uma referência no livro "VAQUEIROS E CANTADORES" de Luís da Câmara Cascudo. Faltam-nos, portanto, outros dados para a reconstituição dos principais fatos de sua vida. Mas, a "sextilha" encontrada serve para indicar a terra natal do poeta e se acha transcrita na parte reservada por Câmara Cascudo para as formas de apresentação usadas pelos "cantadores" no início do "desafio". Diz Pedra Azul:

Digo com soberba e tudo:
Sou filho do Bom Jardim,
Inda não nasceu no mundo
Cantador prá dar em mim;
Se nasceu, não se criou,
Se se criou, levou fim...

Durante muitos anos Antônio Nunes Machado percorreu com sua viola os municípios da redondeza, cantando em toda a região onde era muito admirado. Tendo nascido no lugar "Pedra Fina" e falecido em Limoeiro, participou de inúmeras "cantorias", deixando aos que tiveram a satisfação de ouvi-lo a impressão de um "cantador" verdadeiramente dotado para a poesia popular. De sua autoria é a "sextilha" abaixo:

Me chamo Antônio Machado
Filho da velha Manoela
Quem me disser desafôro
Paga em cima da fivela
Arranco-lhe o coração
Só deixo mesmo a moela...

Antônio Joaquim Pessoa Santos Dida, falecido em 1928, era funcionário público, proprietário, agricultor e morava no sítio "Chã do Arros". Tocava guitarra e fazia versos que constituíam o deleite dos que tiveram oportunidade de conhecê-los. Além de outras produções, deixou-nos um conhecido "pé quebrado", recordado ainda hoje pela sua graça e pelo seu pitoresco:

Cem anos que eu tiver vida
Mil vêzes digo eu
Não vou mais em Baixa Verde
— com efeito

Já que me dou por suspeito
Da lei do patriotismo
Uma vez que dela cismo
— lá mais não vou

Apesar qu'eu já estou
Junto com êles morando
Embora viva rezando
— o Credo
Do demônio eu arrenego
Por nosso Deus que nos cria
A sempre Virgem Maria
— nos proteja

Deus permita qu'eu não veja
Outra guerra tão civil
Como se deu no Brasil
— em 24
Eu não como dêste prato
E nem dêle tenho fome
Tomara encontrar um homem
— de coragem

Que me deixe na imagem
Por êsses longos caminhos
Sem pai, sem mãe, sem padrinho
— e sem irmão
Vejo falar no Surrão
Que é um "cabra" realista
Quando encontrarmos de vista
— somos dois

Mesmo que venha depois
Refôrço da Magestade
Combater a liberdade
— dos liberais

Ciriaco Jorge de Lira nasceu nesta cidade. Moço ainda, percorreu diversos municípios, trabalhando na agricultura. Depois de

casado, regressou a terra natal, tendo abraçado a arte da "cantoria" na qual ocupa um lugar de destaque. Seu nome é sempre citado quando se fala num bom cantador e pelos versos abaixo extraídos de um seu "romance" sobre a fome podemos ter uma idéia de seu talento:

Caro leitor observe
Se escrevi com certeza
Leia o conteúdo todo
Que lhe causará surpresa
Veja os horríveis tormentos
Que o século de novecentos
Trouxe, esmagando a pobreza

No principio deste século
Qualquer homem era liberto
Não havia "condição"
O mundo era um deserto
Vinte mil réis era um "fôro"
Só não ajuntava ouro
Quem mesmo não fôsse esperto

Matuto passava bem
Dormia em cama de couro
Se comprava sal e roupa
Na terra tinha um tesouro
O pobre não se apertava
A mulher do pobre usava
Pulseiras e brincos de ouro

Assim mesmo até 14
O tempo ia conforme
Mas depois da grande guerra
O tempo tornou-se enorme
Foi sem par essa mudança
Hoje o pobre só descansa
Um momento enquanto dorme

Como Antônio Machado, José Duda Neto nasceu no lugar "Pedra Fina" neste município. Ainda na mocidade dedicou-se à poesia popular, revelando-se hábil "repentista", "glosador", enfim, um cantador completo. Em certa ocasião Duda Neto cantava com outro colega mais velho e sua namorada veio assistir à pelêja. Observando que a moça estava mais interessada no seu colega, Duda

Neto enciumou-se e manifestou seu sentimento através destes versos:

Já sei que não acho mais
Uma sincera afeição
A quem eu tanto adorava
Hoje não dá-me atenção
Quanto mais carinho faço
Mais recebo ingratidão...

E teve como resposta de seu companheiro a seguinte sextilha:

Eu sou duma condição
Que nunca deixei a prosa
Pode ser velha e viúva
Quanto mais moça e jeitosa
Estou velho e gozando coisas
Que muitos moços não goza...

Uma figura característica de nossa poesia popular é Severino Jorge Araújo. Filho de agricultores, nasceu no engenho Maravilha a 27 de outubro de 1909. Aos seis anos frequentou a escola primária durante seis meses. Desde então não pôde estudar mais procurando, por si mesmo, melhorar sua leitura. Quase não sobrava tempo para estudar porque, em virtude de haver perdido seu pai quando ainda menino, teve de trabalhar para ganhar a vida. Com a idade de 22 anos encontrou a inspiração e, a partir de então, vem cantando nos municípios vizinhos quando lhe sobra tempo do seu trabalho na agricultura.

Certa vez, vendo uma cobra dentro de um riacho, compôs este "martelo":

No riacho de Tanques eu cheguei
Na água avistei logo uma bóia
Divulguei ser aquilo uma jibóia
Para pertó da tal me aproximei
Muito rápido uma pedra lhe atirei
Porém esta passou muito por fóra
Eu peguei um pauzinho sem demora
Quando da água ela pulou
Eu dei-lhe uma "tacada", ela empinou
Levantou a cabeça e foi embora...

Quando regressava de uma "cantoria" encontrou um entêrro na estrada e se inspirando nesse quadro improvisou esta décima:

Quanta alegria ao nascer
Quando em paz o nascimento
E depois, o casamento
Dá prá mais satisfazer
Quando é para morrer
O freguês não acha encôsto
Perdendo a graça do rosto
Sofrendo tamanhas dores
Passa por mil dissabores
A morte só traz desgosto...

Numa "cantoria", pediram a Severino Jorge que glosasse este "mote":

Vou me casar outra vez
Muito embora, me arrependa.

Imediatamente, Severino Jorge fez esta décima:

Amor não é brincadeira
Eu digo porque errei
A mulher com quem casei
Botou-me sal na moleira
Meteu-se na bandalheira
E está hoje exposta à venda
Cada um que se defenda
Do mal que ela me fez
Vou me casar outra vez
Muito embora me arrependa...

Em outra ocasião Severino Jorge se encontrava nesta cidade quando ouviu um rapaz apelidado por "Niquelado" queixar-se de que "a coisa pior do mundo era pintar bicicleta". Isso foi a inspiração para a décima abaixo:

E' bom se pintar imagem
Fazer qualquer escultura
Oferece à criatura
Na vida muita vantagem
Pintar carro de rodagem

Em comunicação direta
Poesia é prá poeta
De pensamento profundo
A pior coisa do mundo
É se pintar bicicleta...

Quando os cantadores da redondeza desejavam fazer uma "cantoria" sobre astronomia, gramática, geografia e ciências físicas e naturais, recorriam ao "mestre" Zuza que, de boa vontade, consentia em cooperar com nossos bardos populares transpondo para a forma poética seus conhecimentos da matéria. Pelos versos que deixou, mestre Zuza revelava uma vocação poética. Apesar de não ter sido "cantador", seu nome não pode ser esquecido quando se fala nos poetas populares bonjardinenses. De sua lavra transcrevemos:

Um casamento feliz
Deus depois que fez o mundo
Com os irracionais
Achou também necessário
Dever fazer nossos pais
Isto é, Adão e Eva
Dois entes originais...

Estes, criados, pecaram
Tentados pela serpente
Ficaram ambos manchados
E Deus ficou descontente
E mandou-os que errantes
Vivessem eternamente...

.....
.....
O homem é preciso
Ser um filho obediente
Que seja amigo dos pais
Brando, calmo e paciente
E qualquer observação
Só aceite alegremente...

A mulher precisa ser
Amiga de sua mãe
Desvelada por seu pai
E com ele não se acanhe
Os conselhos que lhe derem
Se acomode e não estranhe...

E em mais de 49 sextilhas o poeta vai aconselhando os que querem casar e viver felizes.

Sobre os mandamentos da lei de Deus, mestre Zuza, compôs 20 sextilhas, entre as quais transcrevemos:

Paremos nossas conversas
Reflita-se alguns momentos
Façamos pelo sinal
Mudemos os pensamentos
Que agora vou explicar
Os nossos dez mandamentos...

Amar a Deus sobre tôdas
As coisas que há na terra
Um amor com lealdade
Sofra embora a maior guerra
E ao próximo como a si mesmo
E o que a lei de Deus encerra.

Não cobiçarás do teu próximo
Nem seu boi nem seu jumento
Cobiçar o que é alheio
E' ser vil e avarento
Quem quer ser filho de Deus
Guarda todo o mandamento.

Levemos a cantoria
Também com religião
O homem bom aproveita
Com qualquer explicação
Ninguém pode ser contente
Sem ter Deus no coração...

E "mestre" Zuza sobre todos os assuntos compunha seus versos sérios e que dariam um volume todo se fôssemos enumerar. "Galopes", "martelos", "teorias", eram manejados com maestria pelo conhecido poeta da rua do Segrêdo...

Manuel Alexandre Barbosa é funcionário público municipal e agente das principais revistas brasileiras nesta cidade. Nas horas vagas faz poesia popular. Em 1942 escreveu um livro (que não foi publicado) sob o título "OS MUNICIPIOS DO BRASIL EM VERSOS", do qual divulgamos:

ESTADO DE PERNAMBUCO

Recife, Olinda, Pesqueira,
Vitória, Jaboatão,
Ipojuca, Ribeirão
Água Preta, Gameleira
Afogados da Ingazeira
Madre de Deus, Angelim
Bom Conselho, Surubim
Aliança, Boa Vista
Goiana, Cabo, Paulista
Timbaúba, Bom Jardim...

Belo Jardim, Gravata
Bezerros, Serinhaém
Glória de Goitá, Belém
Rio Branco, Macapá
Garanhuns, Quipapá
Lagoa dos Gatos, Exú
Páu d'Alho, Igarassu
Taquaretinga, Vertentes
São Bento, Flôres, Correntes
Catende, Caruaru...

Triunfo, Serrinha, Escada
Palmares, Amaragi
Vicência, Ouricuri
Belmonte, Serra Talhada
Rio Formoso, Queimadas
Itaparica, Salgueiro
João Alfredo, Barreiros
Canhotinho, Nazaré
Moreno, Buíque, També
São Lourenço, Limoeiro...

Floresta, Pedra, Carpina
E São José do Egito
Alagoa de Baixo, Bonito
São Gonçalo, Petrolina
Custódia, Leopoldina
São Caitano, Moxotó
Maraial, Cabrobó
São Joaquim, Águas Belas
Jurema, Altinho, Panelas
Bebedouro, Bodocó...

A CHEIA DE 1930

Tôda a cidade conserva a lembrança de um incêndio, uma epidemia, uma enchente ou um acontecimento qualquer que tenha vitimado grande parte de sua população. Em Bom Jardim o ano de 1930 se acha ligado à catástrofe do Tracunhaém, que inundou a atual rua Manuel Augusto, destruindo-a quase totalmente e parte da rua Sigismundo Gonçalves, perecendo afogadas dez pessoas, além de prejuízos incauculáveis dos que habitavam à beira do rio. A imaginação popular empresta forte dose de fantasia ao acontecimento, que é contado de maneiras diversas: numa descrição certo detalhe figurando como essencial, enquanto em outra, êsse mesmo detalhe é excluído, existindo, assim, uma variedade de versões correntes.

Mas, foi na tarde de 24 de março de 1930, que as águas do rio começaram a subir, enquanto uma forte chuva caía. Não houve antes quase nenhuma preparação, tudo aconteceu com uma rapidez que deixou o povo quase impotente para pôr em prática medidas de salvamento. Em pouco tempo as margens do rio se alargaram desmedidamente, os trovões roncavam nas serras que circundam a cidade, grossos pingos de chuva espalhavam ainda mais o terror no seio da população. Nas casas as mulheres queimavam palha benta para que a Providência Divina fizesse cessar a fúria dos elementos. E no decorrer da tarde continuou chovendo, as águas do Tracunhaém aumentavam cada vez mais, invadindo lugares nunca antes alcançados. Logo depois o rio serenou: os habitantes da cidade-baixa sentiam que havia chegado o momento culminante da catástrofe. Então, viam-se as famílias, deixando suas casas e procurando refúgio nas ruas mais elevadas. Homens vestidos em negros capotes entravam nas casas para retirar tudo que fôsse encontrado. Gritos de socorro enchiam a noite e nesses apelos se traduzia tôda a angústia da comunidade irrequeta e atônita. As medidas de salvamento se intensifi-

caram e chegou o momento em que se podia observar um admirável exemplo de solidariedade humana: os moradores das ruas, não atingidas pela catástrofe, arriscando a vida para salvar seus conterrâneos da cidade-baixa.

Na manhã seguinte o rio baixou, mas os sinais da catástrofe ainda eram evidentes: barricadas de bacalháu, a máquina de costura de Iaiá Catolé, animais mortos, gêneros alimentícios, e muitos outros objetos se misturavam com a lama e os oportunistas tiravam partido da situação. Restava agora procurar as vítimas e o problema do abrigo para os que tudo haviam perdido na cheia. Em jornal da época encontramos uma relação das seguintes vítimas: José de Aquino Duarte, Maria do Socorro Duarte, José Cabral Duarte, Maria Helena Duarte, Antônio Guilherme, uma senhora de identidade desconhecida e outros populares. Com a família de José de Aquino Duarte — conhecido por "Zé do Vital" — quase toda perecida, aconteceu um fato lamentável: não supondo a extensão da enchente e prevendo prejuízos materiais como os que havia sofrido em 1924, ele recomendou a seus familiares que não abandonassem a casa e colocassem estopas nas fendas das janelas e portas, mas a fatalidade se encarregou de consumir a tragédia que foi o fato mais comentado na época.

Depois de constatada toda a extensão da enchente — provocada, segundo dizem, por um furacão e o arrombamento de alguns açudes — o prefeito dr. Severino Patrocínio organizou uma comissão para solicitar ajuda do governador Estácio Coimbra e auxílio do comércio recifense, cuja generosidade ainda não foi esquecida pelos bonjardinenses. Com êsses donativos e a cooperação das comissões localizadas nos municípios vizinhos se pôde reconstruir as casas destruídas e prestar assistência às vítimas.

Muitos anos nos separam de 1930, mas ainda hoje quando se deseja fazer no passado a delimitação de um acontecimento se diz logo: "isso foi antes da cheia de 30". E os habitantes da cidade vão utilizando a data da catástrofe para indicar o nascimento de um filho, o casamento de um amigo, a morte de um parente.

HUMORISMO MUNICIPAL

O espirituoso Zenóbio Souto Maior era de estatura elevada, narigudo, de olhos apertados, característicos de sua miopia. Fôra sacristão desta paróquia e professava a marcenaria e a pintura. Quando alguém o cumprimentava, costumava responder com a frase latina: "Dominus tecum!"... Em certo dia de 1907 estava o nosso conterrâneo Zenóbio em uma escada, pintando a frente da igreja. Ninguém sabe como escapuliu lá de cima, de uma certa altura e um forasteiro que estava olhando o serviço, agarrou-se com o pintor que se livrou de uma queda fatal. Passado o susto, o popular pediu a Zenóbio um níquel para tomar um "trago", por conta do trabalho prestado. A resposta não se fêz tardar: — "Que níquel? Por que vou lhe dar um níquel? Você me pegou porque quis. Eu não pedi..."

Na cidade, todos conhecem José Orobó. É o homem das quermesses em benefício da Igreja. E, façamos justiça, pessoa honrada, afeita ao trabalho, uma boa pessoa. Apesar de tão excelentes qualidades, o nosso José Orobó gosta de contar seus "casos"... Lá uma vez ou outra, numa roda de amigos, na esquina ou no bilhar, o nosso amigo gosta de "inventar" umas histórias que conta como ninguém. Uma das mais interessantes é a da "caçada". Em uma bonita manhã de sol e como o nosso amigo não tivesse o que fazer, pegou na espingarda e saiu pela estrada afora. Depois de andar um bom pedaço, subindo e descendo ladeiras, e já meio cansado da longa caminhada sem haver matado nem uma "rolinha", José Orobó parou na margem de um caminho com uma árvore sem folhas, coberta de "aves de arribação" no seu costumeiro movimento migratório em busca de água e alimentação mais fácil. O caçador criando alma nova, viu na árvore coberta de "arribação" sua feliz oportuni-

dade de encher o "bisaco" com a caça gostosa. Mas, quando foi procurar pólvora e chumbo para preparar o tiro, constatou que já havia gasto toda a munição. Estava sem uma grama de pólvora e sem um caroço de chumbo... Foi quando teve uma bruta ideia: pé ante pé, evitando todo e qualquer barulho, José Orobó conseguiu chegar bem juntinho da árvore sem ser pressentido e, com toda a energia, procurando dar à voz uma entonação toda especial, gritou:

— Mãos ao alto!

E as pobres aves, tremendo de susto e do cano da espingarda, levantaram as asinhas, como bandidos de cinema. E José Orobó, sem dó nem piedade, de arma em punho, ia torcendo o pescoço de uma por uma e botando no bisaco. Quando terminou o serviço, contou trezentas e cinquenta e quatro "aves de arribação" mortas por sua astúcia e inteligência...

"Interessante personagem pelas suas histórias imagináveis e engraçadas pela maneira com que referia assuntos baseados em fatos jeitosamente concatenados pela sua fantasia prodigiosa e ouvidas gostosamente pelos que o escutavam. Analfabeto, magro, estatura regular, usava chapéu de abas largas, fumava cigarros de palha que acendia usando pequena lâmina de aço que feria numa pedrinha branca desenvolvendo a fagulha que incendiava a lâ contida no toro de chifre preso em sua mão. Uma vez, dizia ele: vi no chão uma embira cinzenta que apanhei para apertar a cintura. Mais tarde, devido à fome, o ventre encolheu e, quando quiz apertar mais um pouco a embira... vi que era uma cobra de cipó!..." — Américo Sedycias.

José Braz era um cidadão muito espirituoso e tinha sempre uma resposta para tudo e para todas as ocasiões. Contam que certa vez teve conhecimento que Irineu Wilson, namorado de sua filha (hoje espôso) também tinha uma namorada em Umbuzeiro. No dia do "pedido" Irineu Wilson, encabulado como todo rapaz que vai pedir moça em casamento, iniciou sua "conversa" gaguejando como todos fazem nessa ocasião. Explicou as ótimas intenções, falou sobre diversos assuntos e já estava com a parganta seca. E José Braz, refreando sempre a tosse rebelde, nada dizia, limitando-se apenas a ouvir o que lhe dizia o candidato à mão de sua filha. Irineu Wilson botou para suar; tirava o lenço, passava pelo rosto, até que esgotou todos os assuntos. Quando chegou o momento exato da resposta, José Braz tossiu mais forte e disse assim:

— O "seu" Irineu, será que o seu sogro de Umbuzeiro é tão doente como eu?

E' excusado dizer que Irineu ficou brincando de arco-íris, de todas as cores...

O coronel Francisco Alves de Freitas bem que poderia ser chamado de "o filósofo de Bom Jardim". Era um cidadão honesto, trabalhador e um exemplar chefe de família, bastante benquisto na sociedade local. Devido aos muitos quilos que pesava também era conhecido na intimidade por "Chico Gordo". Era proprietário e tinha uma padaria na rua Joaquim Gonçalves. As suas "piadas" são conhecidíssimas pela presença de espírito e inteligência. Uma das melhores, a nosso modo de ver, é a seguinte:

A cidade estava vivendo uma época de entusiasmo. Dentro de alguns dias teríamos as eleições municipais, contando com tôdas as manobras e intriguinhas da política municipal.

Um certo cidadão pertencia ao partido de "seu" Chico e, nas vésperas das eleições, passou-se para o lado oposto. "Seu" Chico ficou doente... Não admitia "vira-casaca" e não encontrava motivos que justificassem o procedimento de seu amigo.

Uma tarde estava em sua padaria embrulhando pães e bolachas destinados à freguesia. Em dado momento passava pela calçada de seu estabelecimento comercial o "vira-casaca" acompanhado de seu novo chefe, conversando com tôda a cordialidade. "Seu Chico não se conteve e disse:

— Papel safado...

Os dois políticos, pegados de surpresa, pararam e olharam para "seu" Chico que, continuando a embrulhar suas bolachas, acrescentou:

— ... embrulha ou não embrulha?

Um freguês andava um pouco ruim de vida. E, acanhado de continuar a comprar a "seu" Chico, deixou até de passar pela calçada da padaria. "Seu" Chico que era um bom credor estranhou o procedimento do freguês e esperou muitos meses pela continha atrasada. Até que enfim chegaram as eleições... As ruas estavam superlotadas. Todos conduziam seus amigos para as seções eleitorais. Trocavam chapa. Catequizavam. Quando "seu" Chico estava em casa observando o movimento notou que, descendo a ladeira, lá vinha o devedor desaparecido. Quando ia passando na sua calçada, "seu" Chico deu com a mão:

— Amigo!

— "Seu" Chico, eu... — tentou desculpar-se.

— Já votou? — perguntou "seu" Chico.

— Ainda não, major...

— Então vote nesta chapa que eu ficarei muito agradecido.

— Adeus, "seu" Chico... — escapulindo-se satisfeito o de-

vedor que, mais adiante, quando foi ler a chapa que lhe dera "seu" Chico encontrou foi a conta atrasada da padaria...

Outro devedor esquecido nem pagava e nem deixava de levar mercadoria todos os dias. Uma tarde lá estava nosso amigo escolhendo os pães mais bonitos, quando passou um automóvel.

— 23.460 — disse "seu" Chico desanimado.

— Está cobrando a conta? — perguntou o devedor desconfiado.

— Não, amigo; 23.460 era a placa daquele carro que passou agora.

No outro dia o freguês deu um jeito e pagou a conta que era justamente a importância de 23\$460 réis...

TRADIÇÕES POPULARES

Situado numa zona caracteristicamente rural, Bom Jardim ainda conserva dos tempos idos alguns folguedos populares que foram o encanto dos nossos antepassados e que hoje estão sendo absorvidos pelas distrações do nosso século. Mesmo assim, ainda existe muito folgado bem apresentado, resistindo às distrações modernas sem perder a sua graça e a sua espontaneidade.

No carnaval do Bom Jardim antigo, deve-se falar logo no maracatu "Dois de Ouro", que era dirigido pelo velho Chico Preto e constituía, no seu tempo, a principal animação das festas de Momo. Logo no domingo de carnaval o "Dois de Ouro" se exhibia nas ruas da cidade, ostentando um rico pãlio, o qual caracterizava bem a condição real de seus ocupantes.

Na frente do brinquedo vinha a boneca do maracatu. Logo depois, viam-se o Rei e a Rainha debaixo do pãlio que era guarnecido por dois soldados com baionetas caladas e por seis pagens. Adiante ficavam os dois cordões das cambindas que dançavam conduzindo o maracá e entoando cantigas acompanhadas pela orquestra, comumente composta de cinco figuras.

Quando o "Dois de Ouro" saía, pelo carnaval, vinha logo para a frente da igreja e, depois de passar alguns momentos dançando nesse local, é que começavam as visitas às pessoas da cidade. Então se ouvia uma das suas cantigas:

Ei corta o pau
levanta a saia
vamos cambinda
prá rua da Paia.

Ou essa quadra:

Já deu seis hora
Já é de tarde
vamos cambinda
prá rua do Frade.

E saíam pelas ruas da cidade, visitando as pessoas do lugar, dançando e cantando:

O rei e rainha
mandou preparar
sala de dança
prá nós vadiã.

Cruzeiro do norte
estrela do sũ
sustenta a pancada
do maracatu.

Durante os três dias de carnaval o maracatu espalhava pela cidade o éco das suas cantigas e o barulho de sua orquestra. Na hora de recolher cantavam:

Ô cambinda véia
vamos embora
vamos prá casa
chegou a hora.

Na terça-feira quando o maracatu seguia soturno e lânguido em direção à casa de Chico Preto se ouvia esta cantiga que era como uma despedida:

Adeus São José
adeus qu'eu me vou
até para o ano
se nós vivo fô.

* * *

Logo depois do desaparecimento do maracatu de Chico Preto o "mestre" Benedito botou na rua "os caboclinhos" que existiu durante muitos anos e só desapareceu em 1945.

Durante mais de vinte anos viu-se em Bom Jardim "os cabo-

clinhos" de Benedito dançando e pulando nas calçadas mais espaçadas, imitando os antigos habitantes da região. No intervalo das danças, faziam exhibições acrobáticas, os caboclos sopravam seus apitos, enquanto pulavam seus companheiros. Visitavam as casas das famílias e, em cada casa, repetiam seu ritual. O terno de Benedito vinha atrás: os músicos vestindo camisas vermelhas e usando chapéus de palha com aba quebrada, enfeitados de borboletas de papel de seda. O ridículo do folguedo se tornava evidente com a presença da "burra Calu" (Zezinho de Bolé) que corria atrás dos moleques provocando riso e angariando níqueis.

Os "caboclinhos" de Benedito no tempo em que se exibiam em Bom Jardim constituíam a principal atração popular do nosso carnaval, ocupando, na preferência da população, o lugar deixado em claro com a extinção do maracatu "Dois de Ouro".



Nas festas joaninas formavam-se nos arredores da cidade os "côcos" que duravam até o amanhecer. A dança principiava logo que acendiam as fogueiras, continuando animada e contagiante com as "umbigadas" dos pares e o compasso marcado por palmas e bate-pés. E, durante toda a noite, as cantigas do "côco" espalhavam alegria nos terreiros, enquanto o "tirador de lões" começava:

Na subida da ladeira
mataro o cabo da linha
tomaro o revolve dele
e o bom punhã qu'ê ele tinha

Então o côro respondia.

Ô lê lê ô cauã
o galo canta de manhã
A ovelha quando se molha
bate o pé, sacode a lã.



Na safra, começavam a aparecer os "cavalos-marinhos" e os mamulengos que eram bastante apreciados. Durante muitos anos o "mestre" Benedito "brincou" de cavalo-marinho, fazendo graça

com as lóas do Mateus, do Bastião, do Empata Samba, de "seu" Tuntunqué, do Arlequim, de Catirina, de Joana Bahia e outras figuras da imensa galeria do brinquedo. No seu primitivismo o cavalomarinheiro procurava satirizar certos personagens nos seus excessos: o engenheiro, o "dotô de Coimbra", o "pade", o valentão e outros.

Lá em cima daquela serra
canta duas patativa
uma canta outra arresponde
o done da casa, viva!

assim diz o Arlequim no começo da função.

Depois chega "seu" Tuntunqué, que começa logo exaltando sua condição de valentão:

Mandei fazê um facão
com seis metro de altura
quando boto na cintura
a ponta arrasta no chão
para dá no valentão
dêsse que vem afamado
êsse nego tem que vê
o gume dêsse facão.

Um valentão prá sê bom
precisa tê boa ferrage
marrêta de quebrá pedra
lavanca de embolá lage,
eu não cheguei nessa terra
prá não contá pabulage
se houver argum embaraço
bate de novo, bobage!

Duas onça numa fuma
dois lião brigando junto
corta o páu, amarra a rêde
que hoje daqui sai difunto
Si houvê argum embaraço
bate de novo, prisunto!

Depois, os personagens se sucediam e a assistência passava o resto da noite vendo o boi dançar, o Mateus dar "bexigadas" nas

figuras que se retiravam da cena e ouvindo as lóas, em dueto, do pessoal do "baile".

* * *

Quando se fala em pastoril bonjardinense, recorda-se logo do de dona Sinhá, que funcionou em 1908, no período das férias escolares e era composto de moças da sociedade, ricamente trajadas, destacando-se dos demais por sua organização primorosa e por sua animação sem precedentes. Participaram do pastoril de dona Sinhá as senhoritas: Maria Barros, Anita Motta, Virgilina de Araújo, Libânia Correia de Araújo, Diva Ferreira da Silva, Auta da Silva, Silvina Souto Maior, Maria do Carmo de Miranda Lima e Josefina de Moura. Como "bedegueba" saiu o dr. Aurélio Ferreira, advogado, jornalista, secretário do "Diário de Notícias", atualmente exercendo essas funções no Rio.

Os saudosistas costumam relembrar ainda com entusiasmo as cantigas do pastoril de dona Sinhá:

Eu não sou cigana
nem lá do Pará.
Sou a borboleta
sou gentil, sinhá!

O meu bem me chama
— eu não vou lá.
Passe prá aqui,
ora passe prá cá!

Lá no céu eu ouvi cantar
mas não sei o que lá se deu.
Só ouvi a voz da glória
a Jesus, filho de Deus.

Sou anjo, aqui estou
risonho a cantar.
O cordão azul
é que venho exaltar.

Ouvia-se também o "bedegueba" que cantava.

Eu não posso estar calado
porque isso não me atura.
Hei de andar com meu balão
quer na mão, quer na cintura!

Na orquestra tocavam Pompeu Ferreira, João Ferreira Navais, José Pssoa de Oliveira (Cazuza Ferreira) e outros.

Também havia duelos oratórios, como aconteceu entre os estudantes Sylvio Motta Silveira, José Cipriano e o professor Baldominiano Nilo dos Santos Ferreira Barros que exaltavam, cada um, seu "cordão" predileto.

Ainda, na primeira década do século, apareceu nesta cidade um pastoril ambulante, dirigido por um certo sr. Sátiro que marcou época também pela riqueza dos trajes, pelas melodiosas cantigas de suas pastoras. Relembrem, os que viveram aqueles momentos, ter saído vitorioso o "cordão" azul que era sustentado pelo entusiasmo do pessoal do sobrado de Homem Bom da Cunha Souto Maior e dr. Anunciação.

* * *

Organizado em 1907 por Sérgio Ferreira da Silva, Décio Gonçalves de Vasconcelos, Virgulino Ferreira da Silva e José Cícero de Cunha, funcionou na rua da Lama, durante algum tempo e quase sempre aos domingos, um mamulengo muito engraçado pela crítica que fazia às pessoas do lugar. Nesse mamulengo apareciam Pirito, o padre, o soldado, Mané-gostoso e o mal assombrado, este último manobrado por Virgulino Ferreira da Silva. Muita gente gostava de assistir a esse mamulengo que ainda hoje é recordado com saudade. Esse é o único mamulengo bonjardinense. A cidade acolheu com o mesmo entusiasmo outros brinquedos que por aqui passaram, destacando-se um que funcionou na rua do Frade, em frente à mercearia do sr. Alcides Pessoa.

ALGUNS BONJARDINENSES ILUSTRES

Nos diversos setores da vida nacional alguns bonjardinenses se projetaram na sua época, conquistando na administração, na medicina, no Direito e na literatura, um lugar destacado que o julgamento da posteridade confirmou. Com a inteligência sempre a serviço dos mais nobres ideais, esses bonjardinenses elevaram bem alto o nome do curato de Santana.

BARÃO DE LUCENA

O Barão de Lucena (Henrique Pereira de Lucena Filho) nasceu neste município, a 27 de maio de 1835. Fêz os preparatórios no Colégio Pedro II matriculando-se, em seguida, na Faculdade de Direito do Recife, onde se bacharelou em 1858. Iniciou sua vida pública como delegado da capital. Entre os inúmeros cargos que exerceu, foi juiz de direito em Goiana, Jaboatão e Teixeira (Paraíba), chefe de polícia no Ceará, presidente das províncias do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul. Também foi eleito deputado provincial de Pernambuco e, mais tarde, deputado geral, sendo escolhido presidente da Câmara. Foi ministro da Agricultura e da Fazenda no governo do marechal Deodoro da Fonseca. Na nova organização do Supremo Tribunal Federal o barão de Lucena foi nomeado um de seus membros. Entre as suas realizações, fêz abrir canais na Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul e, na pasta da Fazenda, regularizou a situação financeira do país. Seu pai participou da "Cabanada". O barão de Lucena faleceu em 1913.

DR. MOTTA SILVEIRA

Dr. Justino da Motta Silveira, filho de Justino da Motta

Silveira e de Maria Luísa de Assunção Cavalcanti, nasceu nesta cidade a 14 de junho de 1855. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 24 de dezembro de 1885, quando regressou à sua terra, devotando-se inteiramente ao nobre exercício de sua profissão e aos interesses sociais e políticos da terra natal. A sua nomeada de cientista mais se reconhecia quando chamado a opinar sobre casos em que seus colegas, não menos ilustres, queriam ouvi-lo. Era extremamente caritativo. A sua grande clientela quase que desconhecia o preço de uma consulta. — "Dá o que tú quiseses...", era a resposta costumeira e suas mãos trouxeram ao mundo gerações de bonjardinenses. Em 1886, casou-se com d. Guilhermina Concionila da Motta Silveira.

Diz o "Diário de Pernambuco" de 19 de abril de 1946, fazendo seu necrológico: "Político acatado e influente chegou a ocupar no Estado postos de relevância que sobremaneira honrou pela sua aprimorada cultura, caráter ímpoluto e acrisolado, dotes de espírito e coração. Foi o primeiro prefeito do município de Bom Jardim, tendo sido também deputado, senador, presidente da Câmara Estadual e prestigioso chefe político da sua zona. Como médico, dos mais distintos, timbrou sempre em fazer de sua clínica um abnegado sacerdócio, procurando, de preferência, aliviar os males e padecimento dos pobres e desamparados, gastando seus melhores esforços e, muitas vezes seus próprios recursos para servir os infelizes. O apostolado que por tantos anos exerceu na qualidade de médico zeloso, desinteressado e caritativo em Bom Jardim e municípios vizinhos, explica o enorme ciclo de relações que soube conquistar e conservar, e o culto de veneração e respeito que todos lhe tributavam. Pode-se afirmar que a sua benemérita ação de clínico proficiente se irradiou num raio de muitas léguas à volta de Bom Jardim, tendo prestado com grande zelo e carinho assistência médica eficiente e quase gratuita a três gerações de brasileiros. Porisso mesmo, enquanto teve saúde e forças, nenhum médico se animou a fazer-lhe concorrência e, ainda hoje, deixa na sua terra um vácuo bem difícil de preencher. Assim, não é de admirar que o seu entêrro se transformasse numa apoteose em que o povo de Bom Jardim e municípios vizinhos inundou as ruas daquela cidade até o cemitério, para dizer o último adeus ao saudoso morto e seu grande benfeitor e ouvir a palavra eloquente e comovida dos ilustres oradores que tão dignamente souberam realçar tantos títulos de benemerência do saudoso extinto".

Faleceu com a idade de 91 anos, a 19 de abril de 1946. O dia de sua morte, era sexta-feira da Paixão. Seu corpo foi muito visitado. Uma mulher desconhecida disse, ao contemplar seu benfeitor: — "Visitei hoje dois "sinhô" morto..." Outra, também chorando, exclamou: — "Morreu nosso pai..."

CORONEL JOAQUIM GONÇALVES

Joaquim Gonçalves da Costa Lima nasceu nesta cidade a 19 de abril de 1856. Desde sua mocidade, dedicou-se à vida pública na esfera municipal sendo eleito prefeito e exercendo a chefia política durante muitos anos. Espírito dinâmico e progressista, procurava sempre servir a seus conterrâneos, destacando-se logo pelo realce de seu prestígio político no plano estadual, onde era admirado por suas qualidades partidárias e por sua capacidade de aglutinação eleitoral. Mesmo seus adversários são unânimes em proclamar que o coronel Joaquim Gonçalves representou, no seu tempo, uma expressão inteligente de político que possuía todas as qualidades para tal mister, sabendo exercê-lo com lealdade, bravura cívica e honestidade. Para os bonjardinenses, deixou Joaquim Gonçalves o exemplo de um cidadão preocupado com os destinos de sua terra, procurando sempre fazer política em função dos interesses municipais. Essa foi uma lição de sua vida pública que ainda não foi esquecida. Faleceu a 26 de novembro de 1936.

CLEMENTE FALCÃO

Clemente Falcão nasceu neste município em data que não conseguimos precisar. Atuou no jornalismo paulista (1840) quando foi diretor do jornal "Phoenix". Dedicou-se também ao magistério, exercendo, durante muito tempo, as funções de professor da Faculdade de Direito de São Paulo.

ISRAEL FONSÊCA

O jornalista Israel Fonsêca nasceu nesta cidade a 23 de julho de 1902, sendo seus pais Augusto Xavier da Fonsêca e Josefa Digna da Fonsêca. Exerceu o magistério municipal. Fundou e dirigiu, aqui, "A IMPRENSA", sendo chamado depois para dirigir "O IDEAL", na cidade de Vicência e a "GAZETA DE LIMOEIRO". Trabalhou como revisor no "Jornal do Brasil", no Rio de Janeiro. Voltando a Pernambuco, ingressou no "Jornal do Comércio", como um dos seus redatores. Poeta inspirado, publicou em 1941 seu primeiro e único livro intitulado "Sonetos e Poemas", muito bem recebido pela crítica especializada. Faleceu a 15 de outubro de 1948, na cidade de Recife.

DR. DIRCEU FERREIRA BORGES

O Dr. Dirceu Ferreira Borges nasceu nesta cidade a 27 de

abril de 1900, filho de José Ferreira Barbosa de Oliveira e de Isabel Casemira Coutinho Borges. Em 11 de agosto de 1927, diplomou-se pela Faculdade de Direito de Recife e foi distinguido, na qualidade de laureado da turma, com o prêmio de viagem à Europa. Ingressou na vida pública, sendo nomeado delegado da capital, sub-procurador geral do Estado, procurador geral, Secretário do Interior e Justiça e, em 1952, reconhecendo os méritos do ilustre cultor do Direito, pelo seu caráter íntegro e por sua inteligência, o então Governador do Estado dr. Agamenon Magalhães nomeou-o desembargador e os seus pares fizeram-no presidente do Tribunal.

Outros bonjardinenses, também ilustres, têm procurado elevar, bem alto, o nome da terra que lhes serviu de berço. Assim, no jornalismo, vamos encontrar Aurélio Ferreira da Silva ("Diário de Notícias", Rio), Josimar Moreira de Melo e Múcio Borges da Fonseca ("Correio do Povo", Recife), Homero Paiva ("Última Hora", São Paulo), José Barradas de Castro, José Cavalcanti de Miranda; na literatura, Francisco Julião, autor de "Cachaça" e outros livros inéditos, Eliezer Fonseca; na música, contamos com Levino Ferreira (autor de inúmeros frevos carnavalescos de sucesso), Gerson Borges ("o mágico do violão"), José F. Barbosa de Oliveira, José de Souto Lima (música sacra), José F. Sedycias, Américo Sedycias, Dinamérico Sedycias, Dimas Sedycias, João Gercino Pessoa Santos, Pompeu e Milton Ferreira, Edvar Pessoa, João Crescêncio de Vasconcelos, Francisco Correia de Crasto ("Chiquita", regente da banda da Base Aérea de Fortaleza) e outros; na pintura, Antônio Souto Maior, Antônio Albuquerque, Francisco Sarinho, Severino Paulo Marques Queiroz; na advocacia, Pedro Eustáquio Vieira, Nicanor Souto Maior, Antônio Vieira; na medicina, Abdisio Prazeres, S. F. Souto Maior, Mário Navaís Henriques, Estácio e Ubalino Souto Maior, José do Rêgo Monteiro e Fernandes Monteiro.

CURIOSIDADES

1 — A primeira mulher bonjardinense a ocupar um cargo eletivo foi a senhorita Jandira Oliveira, vereadora sob a legenda do Partido Social Progressista, nas eleições de 1951.

2 — A inauguração da Agência Postal Telegráfica desta cidade ocorreu em janeiro de 1895

3 — O "Varonil Sport Club" foi fundado no dia 3 de novembro de 1937. Sua primeira diretoria foi assim constituída: Paulo Souto Maior, presidente; José Vieira da Silva, secretário; José Florentino da Silva, diretor de esportes; e José Natal, orador.

4 — Luís Catarino da Silva, mais conhecido por "Luís de Bolé", tem uma memória prodigiosa: sabe, de cor, o número da casa de todas as pessoas do lugar, sem nunca haver trabalhado de estafeta...

5 — O velho Ascendino da Motta Silveira era um homem que personificava a calma e a paciência. Fazia parte de uma das nossas bandas de música e tocava saxofone com tanta alma que, no enterro de qualquer pessoa conhecida ou não, quando solava a marcha fúnebre derramava copiosas lágrimas...

6 — "Hoje, como no passado, as campanhas eleitorais políticas dominam a massa popular, imprimindo no seio de cada grupo partidário, todo o calor de que é possível a ação desenvolvida pelos partidos representados pelos seus adeptos. Interessante episódio, testemunha alguém, que vive nesta cidade, contemporânea da época em que o grande pernambucano Joaquim Nabuco em célebre campanha nos primórdios da República, visitando esta cidade, sua voz

ecceu nos céus de Bom Jardim, para ensinar ao matuto da terra dos paudarcos, o ABC republicano, a nova transição politico-social necessária ao Brasil, cansado do imperialismo de quatro séculos. À rua São Francisco, nesta cidade, morava Manoela da Motta Silveira com sua numerosa família e bem relacionada no meio social. Possuía d. Manoela um bonito papagaio que, de tanto ouvir os aplausos à figura do republicano não cessava de repetir: "Viva Joaquim Nabuco!..." Alguém, no Recife, soubera da existência da interessante ave e, sem demora, despacha para aqui um portador trazendo a oferta de 100\$000 pelo papagaio! Porém d. Manoela recusou a oferta valiosa, naquele tempo quase uma fortuna. — "Diga-lhe que a simpatia que ele tem por Joaquim Nabuco, em também tenho". — E o louro ficou, dando vivas a Joaquim Nabuco!" — Américo Sedycias.

7 — "E' este o resultado da apuração dessa eleição no município de Bom Jardim:

PREFEITO

Prisciliano da Motta Silveira	681	votos
João Gomes da Silva	70	"
Majôr Carlos Leitão de Albuquerque	58	"
Custódio Ferreira da Costa Novais	28	"

SUB-PREFEITO

José Eloy Pereira Lima	709	votos
Octaviano da Motta Silveira	72	"
Antônio Barbosa de Araújo Pereira	28	"
Urbano Vieira Carneiro da Cunha	28	"

CONCELHEIROS

Dr. Justino da Motta Silveira	526	votos
Major Abilio Aprigio de Sousa Barbosa	398	"
Tenente-coronel Manuel Joaquim P. Lima	398	"
Major João Florentino da Cunha Azevedo	398	"
Manuel Honório Ferreira Lima	398	"
Manuel Augusto de Miranda Henriques	398	"
Jeronymo Maximiano de Aguiar	378	"
José Antônio Duarte Costa	356	"
Vicente Soares da Fonseca	347	"
Agostinho Barbosa de Aguiar	177	"
Joaquim José de Miranda	177	"

Manoel Gomes da Cunha	177	"
Lourenço Xavier da Fonseca Filho	177	"
José Ferreira Pessoa de Oliveira	177	"
José Gomes Barbosa Filho	177	"
Nicanor Prisciliano da Cunha Souto Maior	58	"
Olympio João da Silva Nô	58	"
Capitão José Juvino de Farias Leite	58	"
Manuel José Pinto	28	"
João Heráclio do Rego	28	"
Manoel Tertuliano Barbosa Leal	28	"
Etelvino da Cunha Souto Maior	28	"
Francisco Alves de Freitas	28	"
Guilherme Thomé da Costa Revoredo	28	"
João Francisco de Mello	14	"
Carlos Ferreira da Silva	14	"
Mariano Firmino de Albuquerque	14	"
Juvino Alves de Freitas	6	"
Feliciano José de Barros	6	"

Do "DIARIO DE PERNAMBUCO", de 30/10/1895.

VIDA POLÍTICA

Zona eleitoral de mais de três mil eleitores, a vida política bonjardinense é das mais movimentadas. Vamos encontrar no seio de tôdas as classes com tôda sua côr local, a política característica de cidade do interior.

Diversas agremiações políticas se fazem representar por elementos de real prestígio. Não sabemos se devido à pluralidade de partidos ou à febre das paixões a política gira não somente em torno de partidos como também em torno de alas.

O Partido Social Progressista é chefiado pelos drs. Osvaldo Cavalcanti da Costa Lima, Otávio Correia de Araújo e Osvaldo Lima Filho.

O Partido Social Democrático é liderado pelo prefeito Sylvio da Mota Silveira.

A União Democrática Nacional conta com seus entusiastas

O Partido Trabalhista Brasileiro obedece à orientação do sr. Onildo Pereira Santos.

Além dos partidos acima mencionados, registramos a existência de alas, entre as quais a comandada pelo coronel Francisco Heráclio do Rego e a orientada pelo dr. Agripino Ferreira de Almeida.

INDICADOR

ADMINISTRAÇÃO:

Prefeito: dr. Sylvio da Motta Silveira.
Sub-prefeito: Severino Ferreira dos Santos.
Sub-prefeito de Machados: Antônio de Souza Gaião
Sub-prefeito de Bizarra: Severino Aniceto da Silva.
Secretário da Prefeitura: José de Campos Palmeira.
Tesoureiro: Milton Braz Souto Maior.
Coletor-lançador: José Manuel da Silva.
Escriturários: Manuel Alexandre Barbosa e Renê Cabral Henriques.
Porteiro-contínuo: Lourival Tavares Malheiros.
Fiscal Geral: José Ferreira da Silva.
Administrador do Matadouro: Paulo de Araújo Mendes.
Administrador do Mercado: Severino Salviano da Silva.
Administrador do Cemitério: Severino Alves de Lima.

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES:

Presidente: vereador José Gomes Cabral. Vereadores: Custódio Navais Henriques, Raul Veríssimo Camelo de Almeida, Josué Venâncio Santiago, Manuel Dionísio Teixeira, Joaquim Gonçalves de Freitas, Jandira Henriques de Oliveira, Pedro José dos Santos e Juventino Barbosa da Fonsêca. Secretária: Geralda Navais Cabral.

JUSTIÇA:

Juiz-de-Direito: dr. Clóvis Ferreira de Lima; 1.º substituto: dr. Severino Patrocínio de Souza Barbosa; 2.º substituto: Mário Barbosa da Silva; Promotor público: dr. Ernani Afonso Cunha;

adjunto: Pedro José de Barros; Escrivão do 1.º cartório: José Valdevino da Silva; escrivão do 2.º cartório: Manuel Arnóbio Souto Maior; Oficial do Registro Civil: José Aureliano da Cunha Sobrinho.

POLÍCIA:

Delegado: capitão Djalma Leite de Araújo; suplente de delegado: Alcides Pessoa dos Santos; Escrivão da Delegacia: Narciso Eutrópio Souto Maior.

FAZENDA:

Coletoria Federal: Coletor: (vago); escrivão: Luiz Perengriño Ferreira Júnior; fiscal-de-consumo: Adiel de Araújo.

Coletoria Estadual: Coletor: Décio Padilha; escrivão: José Nicolau Ferreira Gomes; auxiliar: José Barbosa da Silva Filho; arrecadadores: Ângelo da Motta Silveira, Paulo Brasileiro da Silva, Abílio Ferreira de Almeida e Lindolfo Anacleto Barbosa.

INSTRUÇÃO:

ESCOLA NORMAL SANTANA — Diretora: Madre Maria Ódila Maroja; Fiscal: dr. Severino Patrocínio; Corpo docente: dr. Mário Boaventura Souto Maior, Carmen Barbosa Souto Maior, dr. Ayrton Macedo, professoras Djanira Ferreira e irmãs da ordem.

INSTITUTO SANTANA — Diretora: Madre Maria Ódila Maroja; Corpo docente: professoras Carmen da Motta Silveira Barbosa, Josefa de Andrade Farias, Djanira Nazianzena Ferreira e irmãs da ordem.

GRUPO ESCOLAR "RAIMUNDO HONÓRIO" — Diretora: Cássia da Silva Gonçalves; professoras: Severina Batista Sales, Doraci Távora de Aguiar, Josefa de Andrade Farias e Zilda Brasileiro Vêras; Delegado de Ensino: José Nicolau Ferreira Gomes.

AGÊNCIA MUNICIPAL DE ESTATÍSTICA:

Agente: José Moreira de Andrade.

AGÊNCIA POSTAL-TELEGRÁFICA:

Agente postal e telegrafista: Américo de Souza Sedycias; telegrafista auxiliar: José do Carmo Sedycias.

POSTO DE HIGIENE :

Diretor: dr. Airton Ponciano de Macedo.

FOMENTO AGRÍCOLA :

Direção de Antônio Brígido da Fonsêca.

ESTAÇÃO PLUVIOMÉTRICA :

Observadora: Áurea Sedycias.

RÊDE FERROVIÁRIA DO NORDESTE :

Chefe-da-Estação: Sebastião Perilo de Moura Borba.

PÓSTO DE MONTA :

Encarregado: José Canuto.

SERVIÇO NACIONAL DA PESTE :

Guarda-chefe: Álvaro de Carvalho Melo.

COOPERATIVA DE CRÉDITO RURAL DE BOM JARDIM
LIMITADA :

Diretor-presidente: dr. Severino Patrocínio de Souza Barbosa; diretor-gerente: Manuel Gonçalves Souto Maior; diretor-secretário: Custódio Navaes Henriques e síndicos: Raimundo da Mata Ribeiro e José Gomes Cabral.

SOCIEDADES :

Centro de Cultura Bonjardinense, Varonil Sport Club, Associação Bonjardinense de Atletismo, Alfa Sport Club e Grêmio Litero Musical Bonjardinense.

COMÉRCIO :

Fazenda: Boaventura da Costa Oliveira, Severino Domingos do Nascimento, M. J. da Silva, Marciano de Melo, Manuel Pedro de Aguiar (Machados), Florentino de Souza Gaião (Machados), Irmãos Azevedo (Machados), João Vital Rodrigues (Bizarra) e outras firmas menores.

Secos e molhados: Epitácio Rodrigues de Lima, Avelino José de Barros & Filho, José Pessoa de Oliveira, José Gomes Cabral, Was-

hington Alves da Silva, M. C. Pessoa, José Severino de Paula Filho, Eunice P. Cabral, Rinaldo P. de Barros, Paulo Barbosa Camelo, Zilde Souto Maior, Epitácio Marcelino de Souza, Manuel Cavalcanti de Oliveira, Manuel Firmo da Cunha, Pedro Vieira, Aristides Colaço de Azevedo (Machados), Mariano José Barbosa (Torro), Inácio José de Lucena (Siqueira), José Clementino do Nascimento (Umari), Severino Firmo de Souza (Machados), Manuel Antônio Francisco (Bizarra) e outras firmas menores.

Padarias: M. C. Miranda, João Domingos do Nascimento, Manuel Soares de Lima, José Lira de Andrade, Joaquim Pereira Freire, José Ferreira da Silva, Sidrônio Ferreira (Machados), Patrício Pereira de Oliveira (Bizarra), Manuel Francisco de Lima (Bizarra), e outras.

Farmácias: S. Barbosa & Cia., Severino Patrocínio de Souza Barbosa, José Moraes de Araújo (Machados), Manuel Francisco da Silva (Machados), Manuel Virgínio Donato (Bizarra).

Miudezas: Severino Pereira de Barros, Uriel José dos Santos, Mariano Tabosa de Andrade (Machados).

Indústria: José Simões de Oliveira (couro), João Carvalho (torrefação de café), José Augusto de Melo (couro).

Compra de algodão: Severino Farias & Cia. Ltda., Medeiros Vareda, José Gomes Cabral.

Gasolina: Severino Barbosa de Lima e João Salvino Barbosa.

Alfaiatarias: Valdemar Souto Maior, Idelfonso Gomes, José Ferreira, Nivaldo Souto Maior, Antônio Agripino da Silva, Wilson Walter Ferreira dos Santos.

Barbearias: Olímpio Gonçalves Guerra, João Pereira, Luiz de Oliveira, Cicero Salviano da Silva e Serafim Mendes.

Diversões: Cinema Fox.

"ASSOCIAÇÃO RURAL DE BOM JARDIM"

Rua Sigismundo Gonçalves, 12 — Presidente: José Dácio vice-presidente: Arthur Guerra; 1.º secretário: João Lucena Barbosa da Silva; 2.º secretário: Epitácio Rodrigues de Lima; 1.º tesoureiro: Joaquim Gonçalves de Freitas; 2.º tesoureiro: Antônio de Souza Gaião. — Comissão Fiscal: Aprígio Barros, Antônio Barros, João Batista de Souza, João Marcelino, dr. Benon Navais e Pedro José dos Santos.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — "O Barão de Lucena" — esboço biográfico — Netto Campello — 2.ª edição. Imprensa Industrial, Recife — 1914.
- 2 — "O patriarca de Bom-Jardim" (conferência proferida no "Centro de Cultura Bonjardinense" em 27/10/1946) — Francisco Julião — Revista "Capibaribe" n.º 5, Junho — 1947.
- 3 — "Diccionario Chorográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco" — Sebastião de Vasconcelos Galvão, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1908.
- 4 — "Notas dominicaes" (1816, 1817 e 1818) — L. F. Tollenare, tradução de Alfredo de Carvalho, Recife, 1906.
- 5 — "Nabuco, cidadão do Recife" — Anibal Fernandes, Recife, 1949.
- 6 — "Memorial para lembranças e notas avulsas" — (manuscrito) — Joaquim Rogaciano Pereira Lima Bom Jardim, 1882.
- 7 — "Viagem ao nordeste do Brasil", tradução e notas de Luís da Câmara Cascudo — Henry Koster — Cia. Editora Nacional, Rio de Janeiro, 1942.
- 8 — "A recepção ao Ilmo. Sr. Coronel Joaquim Gonçalves" — Diversos — Tipografia do "Jornal do Recife", Recife, 1917.
- 9 — "Sinópsse Estatística do Município de Bom-Jardim" — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística", Rio de Janeiro, 1948.
- 10 — "Bandas de música do interior" — Samuel Soares — "Diário de Pernambuco", 1952.